

**CÂMARA TEOLÓGICA DA IGREJA
ADVENTISTA DA PROMESSA**



SOTERIOLOGIA

04/10/2025

Espaço Promessa

“TÃO GRANDE SALVAÇÃO”

Sotereologia – A doutrina da salvação

INTRODUÇÃO

O termo soteriologia é derivado de duas palavras gregas: "σωτηρία" (soteria, salvação) e "λόγος" (logos, palavra, estudo, tratado). Portanto, soteriologia trata da doutrina da salvação. Já estudamos sobre a obra de Cristo, onde vimos a provisão de Deus para a salvação da humanidade. De modo simples, inclusive, podemos dizer que a salvação é a aplicação da obra de Cristo na vida do indivíduo. Mas como podemos definir mais precisamente a salvação? Como ela se torna real na vida de um indivíduo? Qual o seu passo a passo? Estes e outros temas serão tratados neste capítulo desta obra. Começemos com a natureza da salvação.

I. A NATUREZA DA SALVAÇÃO

Antes de entender a salvação de acordo com a Bíblia, é crucial compreender o que ela *não* é. A explicitação do que *não* constitui salvação ajuda a evitar mal-entendidos, heresias e práticas inadequadas que podem distorcer a verdadeira mensagem do evangelho. Compreender o que *não* é salvação cristã é essencial para uma compreensão correta e profunda do que realmente constitui a salvação em Cristo. A clareza nessa área é fundamental.

1.1. O que não é a salvação?

Primeiro, a salvação não deve ser entendida como uma recompensa final no céu, após a morte, por méritos adquiridos em vida na terra a partir de boas obras de caridade ou filantropia, ou por um comportamento moral exemplares, a parte ou aquém da fé em Jesus – um tipo de moralismo religioso onde o objetivo da vida é simplesmente “fazer o bem” ou no máximo “não fazer o mal aos outros”, esperando ser recompensado por isso no fim. Por um lado, uma vida transformada e a prática de boas obras são constitutivas da própria salvação em Cristo (Ef 2:8-10; Tt 2:11-14), mas, como veremos, não são a sua base, mas sua derradeira consequência ou resultado de um relacionamento e fé pessoais em Jesus.

Segundo, a salvação não é um bilhete de entrada no “céu”, um tipo de seguro que garante sua vida para a eternidade, quando sua morte chegar, obtido por simplesmente “aceitar a Jesus” sem quaisquer implicações para a vida fática, ao coração e as atitudes, noções estas que podem ser muito comuns na pós-modernidade entre cristãos nominais, desigrejados e pessoas que buscam uma espiritualidade livre da religião institucionalizada etc. Sem dúvida, receber a Jesus como Senhor é o passo absolutamente fundamental da salvação (Jo 1:12; Cl 2:6), mas é parte, não o todo, além de repercutir integralmente na vida do salvo, levando-o ao compromisso com uma comunidade de fé, com o próximo de modo geral, mas também a uma transformação pessoal nas suas ações e afetos, em abandono ao pecado e na prática das boas obras (Mt 16:24; Rm 6; 2 Co 5:14-15; Ef 2:10).

Terceiro, no extremo oposto ao item anterior, a salvação não é um mero formalismo religioso expressos na simples adesão a uma congregação evangélica,

as doutrinas cristãs ou uma obediência externa as regras num tipo de dogmatismo e moralismo legalistas, sem que descanse de fato na obra graciosa de Cristo pela fé, conheça e se relacione com o Senhor e tenha seu coração mudado pelo Espírito (Jo 3:16-17; 15; 17:3).

Quarto, a salvação não significa um tipo de benefício divino visando oferecer sucesso financeiro, sensação de bem-estar espiritual e emocional (um tipo de filosofia de autoajuda), como o propõe os pregadores coaching, ainda menos a isenção dos sofrimentos deste mundo, adquirindo prosperidade e cura para as moléstias que nos afligem, como postula a *Teologia da prosperidade*. Em oposição a essas ideias, a salvação, no tempo presente, acarreta mais dificuldades e sofrimentos para o salvo (Mt 10:22; Jo 16:33; 2 Tm 3:12). Embora Deus continue a abençoar seu povo com dádivas materiais e com milagres ou curas de muitas enfermidades, segundo sua vontade soberana, somente na consumação da salvação (a glorificação), ou seja, na eternidade, é que todo o mal, morte e sofrimento terão realmente fim (Ap 21:4-5).

Em quinto lugar, a salvação não é um projeto de libertação histórico-social da opressão econômica, racial, de gênero ou social que revolucione, de modo pleno, aqui e agora as formas de estruturação social opressoras que esmagam os fracos, impotentes e oprimidos da sociedade – como proposto pela *Teologia da libertação*. Sem dúvida a salvação de Cristo uma vez que transforma indivíduos pelo poder do Espírito faz destes redimidos compromissados em viver e promover os atos e valores do reino de Deus (justiça, generosidade, igualdade, solidariedade, além do amor e do serviço ao próximo), que por sua vez são capazes de impactar a sociedade positivamente. Mas essa transformação social nunca será plena no tempo presente, apenas no fim, com o regresso do Senhor, quando se descortinará um “novo céu e uma nova terra” redimidos (Ap 21 e 22).

À luz dessas incompreensões, antigas ou atuais, sobre a natureza da salvação, assegurar um entendimento sólido e fundamentado nas Escrituras Sagradas parece mais do que necessário à igreja contemporânea, motivo que nos leva na próxima seção desta obra, a procurar a resposta bíblica para a questão “O que é a salvação?”

1.2. O que é a salvação?

Salvação pressupõe, já de imediato, um estado, situação ou condição do qual precisamos ser resgatados por outrem, sem que possamos fazer isso por nós mesmos. Em outras palavras, numa primeira aproximação do termo, já somos levados a considerar que “salvação” implica necessariamente em ser “salvo de algo”, de uma condição ou a situação perigosa, trágica, de risco, de destruição, de morte. E de fato, a natureza da salvação tal como é apresentada na Bíblia, não pode ser verdadeiramente compreendida a menos que se diga que ela é destinada a uma situação absoluta e universalmente calamitosa de um mundo onde a morte, pecado, a doença, a violência, o ódio, o ressentimento, a opressão, as várias formas de destruição e desumanização reinam tiranicamente roubando a vida, saúde, a dignidade, a alegria, o amor, a paz, o sentido e esperança do homem.

A situação deste mundo tal como podemos contemplá-lo é o reflexo da própria condição decaída e alienada que o ser humano se encontra, por virar as costas para Deus, rebelando-se contra sua boa e perfeita vontade. Desde então, a criatura está em inimizade, em franca revolta contra seu próprio Criador e este relacionamento fraturado mais parece como um abismo intransponível que aliena o ser humano daquele que lhe provê a vida, o amor, o bem, o sentido e alegria para sua existência: o próprio Deus.

O resultado inevitável do pecado humano, como Deus já havia alertado os representantes da humanidade, não é outro senão a morte. A morte não é um castigo arbitrário pelo pecado, é sua consequência necessária. A título de comparação, podemos afirmar que é o equivalente espiritual do que acontece quando um mergulhador corta seu próprio tubo de oxigênio. Paulo sintetizou esse pensamento dizendo: *Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram* (Rm 5:12 - NVI).

Em sua natureza decaída, os seres humanos são pecadores fragmentados, fraturados, alienados de Deus e de si mesmos, existindo numa vertigem niilista,¹ sem saber quem são, para onde ir, qual o sentido de tudo, desorientados em como viver nessa caótica realidade, sem esperança e amor, condenados à morte por rejeitarem a própria fonte da vida. Neste estado, a mente e coração humanos são repelidos para longe de Deus, de seus princípios morais e éticos, vivendo uma vida à revelia do supremo bem, sempre inclinado ao mal, apesar de, por ainda serem a imagem e semelhança divina e beneficiados pela graça comum,² sejam capazes de realizar certos bens morais.

Já no relato da Queda, em Genesis, antevia-se que a danosa consequência do pecado não é somente vertical, opondo a criatura ao Criador, mas também horizontal: coloca os seres humanos em oposição uns aos outros e mesmo com o mundo natural. Existe uma cadeia de eventos que se espalham a partir da rebeldia humana contra o Criador e chega ao desequilíbrio da criação (Rm 8:19-22). Então, com suas mentes e corações encharcados pelo pecado e pelo mal, o ser humano desordena tudo a sua volta, esfacelando suas relações sociais, ferindo, traindo, oprimindo, agredindo, usando ou desconsiderando as pessoas a sua volta – o que evidencia a dimensão social do pecado.

Se palavras forem insuficientes basta um olhar as notícias ou mesmo atentar com mais atino ao seu redor: assassinatos, discriminação, roubos, estupros, violência, injustiça social, opressão, guerras, conflitos religiosos, extremismo, pobreza, preconceito, mudanças climáticas, destruição dos recursos naturais – todos, consequências do pecado. Sendo Deus justo e santo, sua ação não deveria ser a de com equidade e imparcialidade julgar nossa rebelião e pecado que tanto mal gerou e que tanto afronta sua santidade e bondade? Pois é precisamente o que as Escrituras afirmam que acontecerá: um dia de julgamento para exercer justiça e reparar todo mal praticado neste mundo, onde cada um terá que comparecer (Ec 12:14; At 17:31; 2 Co 5:10). O julgamento “divino é a resposta da infinita justiça e santidade de Deus ao mal que infestou a criação”.³ Isto se explicita no relato de Paulo, no longo trecho de sua carta aos Romanos onde se diz que a *ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens* (Rm 1:18-32).

Em suma, a soteriologia emerge de certa concepção “do que precisamos ser salvos”: da ruína e destruição que trouxemos sobre nós mesmos. O ser humano precisa ser salvo de si, do pecado que o escraviza, dos poderes satânicos que o aprisionam e o acusam, da morte que põe fim a tudo o que é belo, bom e alvo do nosso amor, bem como dos males deste mundo desolado e desfigurado pela

¹ O niilismo é uma corrente filosófica que questiona ou nega o significado, valor e propósito da vida, da moralidade, da verdade e da existência em geral.

² A graça comum refere-se às bênçãos e favores que Deus concede universalmente à humanidade, tanto crentes quanto não crentes: habilidades e talentos na arte, cultura, ciência; bênçãos materiais (sol, chuva, comida, água, saúde) etc.

³ Bird (2013:610).

corrupção humana que mancha tudo o que existe e, acima de tudo, precisamos ser livres do justo e correto juízo de Deus sobre nós, por todo este mal que perpetrados.

Começar pela condição decaída da humanidade é o modo pelo qual se percebe a razão da amplitude dimensional da salvação: ela não pode ser menor do que a abrangência e extensão dos danos causado pelo pecado (que afetou a ordem natural do universo, as relações sociais humanas, a conexão com o Criador etc.). Em outras palavras, a salvação, há de operar – em amplitude e extensão – em todas as esferas e domínios do cosmo e da existência humana (social, emocional, espiritual etc.) restaurando de modo pleno tudo o que foi afetado pelo pecado.

Assim, a “salvação” deve ser percebida como uma obra constituída de diversos atos e ações graciosos Deus para com o ser humano decaído, em benefício dele, a fim de restaurá-lo de sua condição de ruína. Ela pode ser definida como “o livramento do pecado e de seus efeitos, mediante a ação graciosa de Deus em Cristo, para uma vida totalmente nova, que se inicia aqui e se consumará na eternidade”.⁴ Por isso, segundo Bird:

...salvação abrange vários elementos da condição humana, incluindo o bem-estar físico, a saúde mental, a libertação da opressão espiritual, as necessidades econômicas, a honra e o relacionamento com Deus. Nos tempos passado, presente e futuro, a ação salvadora de Deus é efetuada em relação ao seu povo e a toda a esfera de sua existência.⁵

Como toda a desordem do mundo, miséria, morte e culpa constitutivas da condição humana decorrem do pecado, a rebelião da criatura contra seu Criador santo e amoroso, a salvação age prioritariamente neste aspecto restaurando a relação de Deus com as pessoas e, a partir disto, reordenando e curando tudo o mais. Dada a extensão e amplitude da salvação operada por Deus, aquele que procura uma definição sintética do que ela significa ou uma única palavra que possa defini-la encontrará uma dificuldade irremediável: que a salvação, como é revelada nas Escrituras, é expressa com múltiplas imagens ou termos que torna sua noção bastante matizada, rica em significados e implicações. Cada termo ou imagem usadas são como peças que formam um mosaico, ou fios tecendo uma obra de tapeçaria, onde ao fim temos um todo coeso e belo.

1.2.1. A salvação em suas múltiplas imagens

Para ver salvação em seu todo precisamos, porém, primeiramente distinguir e analisar suas partes, ou seja, nos deter ainda que brevemente nas imagens ou termos usados para a exprimir a salvação a fim de ressaltar o que evocam, ensinam e revelam, pois parece ser este o modo como a própria Bíblia apresenta o tema.

1.2.1.1. Salvação e livramento

Começemos pelo termo chave: “salvar”. Em grego, “salvar” (*sōzō*) expressa a ideia de “socorrer”, “libertar”, “livrar”, “preservar” e, por sua vez, a “salvação” (*sōtēria*), “libertação”, “livramento”, “preservação”, “salvamento” enquanto *sōtēr* e *sōtērios*, “salvador” “libertador”, “preservador”.⁶ Esse termo que aparece no Novo Testamento

⁴ Freitas, Org. (2017:55).

⁵ Bird (2013:613).

⁶ Coenen e Brown (2000:2001).

equivale aos termos hebraicos que encontramos no Antigo Testamento (por exemplo, hb. *yēsha*, *mālat* etc.) usados igualmente para falar sobre salvação. A amplitude do uso de “salvação” desde o Antigo Testamento se constata facilmente. Pode indicar ser salvo das calamidades e aflições do mundo (Sl 34:17-20), ou ter a vida preservada e protegida pelo Senhor (Sl 85:6-7; 91:16).

Um sentido marcante que é ressaltado é o de Deus salvando seu povo Israel dos seus inimigos estrangeiros: *Como você é feliz, Israel! Quem é como você, povo salvo pelo Senhor? Ele é o seu abrigo, o seu ajudador e a sua espada gloriosa. Os seus inimigos se encolherão diante de você, mas você pisará os seus altos* (Dt 33:29). Daí o reconhecimento de que, embora Deus use homens para salvar seu povo, por exemplo, através dos juízes e reis (Jz 8:22; 13:5; 2 Sm 3:18), deve-se reconhecer que o poder de salvar provém de Deus: *Pois não conquistaram a terra pela sua espada, nem o seu braço os salvou, mas a tua destra e o teu braço, e a luz da tua face, porquanto te agradaste deles* (Sl 44:3 - NVI). Eis a razão pela qual Isaías solicitou que o povo de YHWH confiasse em sua salvação: *Diz o Soberano SENHOR, o Santo de Israel: “No arrependimento e no descanso está a salvação de vocês, na quietude e na confiança está o seu vigor, mas vocês não quiseram”* (Is 30:15 - NVI). Ou ainda: *Deus é a minha salvação; terei confiança e não temerei. O Senhor, sim, o Senhor é a minha força e o meu cântico; ele é a minha salvação!*, disse o profeta (Is 12:2 - NVI).

A princípio, o que parece unir esses usos é um sentido de salvação material e histórica, referindo-se ao livramento de certos sofrimentos do mundo, de inimigos, e de bênçãos para essa vida presente. Contudo, ao longo do tempo, uma certa esperança foi nutrida, de uma salvação escatológica onde seu povo (os descendentes de Israel) seria resgatado permanentemente do cativeiro e que a redenção alcançasse o mundo inteiro, as demais nações existentes, como se vê em Isaías:

Quem há muito predisse isto, quem o declarou desde o passado distante? Não fui eu, o Senhor? E não há outro Deus além de mim, um Deus justo e salvador; não há outro além de mim. "Voltem-se para mim e sejam salvos, todos vocês, confins da terra; pois eu sou Deus, e não há nenhum outro. Por mim mesmo eu jurei, a minha boca pronunciou com toda integridade uma palavra que não será revogada: Diante de mim todo joelho se dobrará; junto a mim toda língua jurará. Dirão a meu respeito: 'Somente no Senhor estão a justiça e a força'. " Todos os que o odeiam virão a ele e serão envergonhados. Mas no Senhor todos os descendentes de Israel serão considerados justos e exultarão (Is 45:21b-25 - NVI).

Para que a salvação se estendesse aos povos, Israel, servo do Senhor, teria um papel imprescindível, continua Isaías: *É coisa pequena demais para você ser meu servo para restaurar as tribos de Jacó e trazer de volta aqueles de Israel que eu guardei. Também farei de você uma luz para os gentios, para que você leve a minha salvação até aos confins da terra* (Is 49:6 - NVI). O profeta Daniel chega a falar sobre um livro da vida, de uma ressurreição para justos e injustos, uma salvação derradeira no final dos dias:

Nessa época, Miguel, o grande príncipe que guarda seu povo, se levantará. Haverá um tempo de angústia como nunca houve desde que as nações vieram a existir. Nesse tempo, porém, todos de seu povo que tiverem o nome escrito no livro serão salvos. Muitos dos que estão mortos e enterrados ressuscitarão, alguns para a vida eterna e outros para a vergonha e a desonra eterna [...] “Quanto a você, siga seu caminho até o fim. Você descansará e, no final dos dias, se levantará para receber sua herança”. (Dn 12:1-2,13 - NVT)

Estas considerações veterotestamentárias sobre a salvação são fundamentais pois constituem o pano de fundo do primeiro século, delineando as noções e esperanças subsumidas pelo conceito de salvação tão corrente nos dias de Jesus e dos primeiros cristãos que, por sua vez, tingiram os escritos do Novo Testamento. O próprio nome Jesus, é uma derivação de “Josué” do Antigo Testamento, (Heb. *Yehoshua* ou *Yeshua*, que significa “YHWH é salvação”). Por isto, já em seu nascimento se diz que ele viria para salvar seu povo de seus pecados (Mt 1:21; Lc 1:69, 77). Josué “foi agente de Deus para salvar o Israel antigo dos seus inimigos, ao passo que Jesus é o Salvador divino que resgata do pecado”.⁷ Mais tarde Jesus explicitamente reconheceu ser esta sua principal missão: *Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido* (Lc 19:10).

Essa salvação, por sua vez, envolvia o sentido veterotestamentário de libertação de certas aflições e enfermidades físicas, como se vê nas curas e milagres que ele realizava (cf. Mt 9:22; Mc 10:52; Lc 8:48; 17:19; 18:42), onde dizia aos restaurados: “Vai, a tua fé te salvou”. Por outro lado, sua mensagem referia-se também a uma salvação escatológica, não restrita ao tempo presente, ecoando Daniel, ou seja, uma salvação que livraria da perdição futura e concederia uma vida que fosse eterna (Mt 16:25 Mc 8:35; Lc 9:24). Esta noção se constata na narrativa joanina: *Quem ama a sua vida não terá a vida verdadeira; mas quem não se apega à sua vida, neste mundo, ganhará para sempre a vida verdadeira* (Jo 12:25 - NTLH).

Por essa razão, o cerne da proclamação dos primeiros cristãos era a de que apenas em Jesus há, exclusivamente, salvação: *Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos* (At 4:12 - NVI). Esta é a razão pela qual o termo grego *sōtēr*, “salvador” se aplica somente a Jesus no NT, o “salvador do mundo” (cf. Lc 2:11; Jo 4:42; At 5:31; Fp 3:20; 2 Tm 1:10; Tt 2:13, 3:4; 2 Pd 1:1-2, 2:20, 3:18), o único capaz de salvar (Hb 5:9, 7:25). Porque a salvação de Jesus é a única capaz de trazer o perdão dos pecados (At 10:43) ela é caracterizada por uma substancial esperança escatológica (Rm 8:24). A razão disto é que ela antecipa já agora com absoluta certeza o veredito final de absolvição no último dia, quando Cristo voltar, o que leva o salvo a ter uma expectativa segura e firme quanto ao futuro que não o deixa paralisado pelo medo, pavor, ou desesperança, pois está seguro da eternidade.

Sem dúvida, esses aspectos presentes e ainda futuros da salvação revelam uma natureza temporal e processual que normalmente é descrita numa tensão entre o “já” e o “ainda não”.⁸ Nos Evangelhos, vemos a inauguração do Reino, a era de salvação, através de Jesus (Mc 1:15; Lc 11:20; Jo 10:10, 17:3) ao mesmo tempo que ele fala de sua consumação porvir (Mt 24:30-31). Em Atos, a presença da salvação se manifesta na vida da igreja primitiva, embora esperem pelo retorno de Cristo (At 2:41-47). Nas cartas gerais, a tensão entre o “já” e o “ainda não” é exposta através da experiência presente da salvação (1 Pd 1:3-5; 1 Jo 3:9, 5:18) em meio a sofrimentos presentes o que motiva uma esperança futura da consumação da salvação (1 Pd 4:12-13; 2 Pd 3:13). Nas cartas Paulinas a mesma noção pode ser constada, por exemplo, em textos como Gl 3:3, Fp 1:6 e Rm 8:15-23, ou no próprio Espírito como a “penhor” da salvação ou os “primeiros frutos” da colheita da ressurreição.

⁷ Coenen e Brown (2000:2009).

⁸ Este conceito será mais bem explorado no último capítulo desta obra, sobre Escatologia.

Como se vê, a dimensão temporal-processual da salvação – ou seja, a teologia do "já" e do "ainda não" – é central para a compreensão da salvação no Novo Testamento. É um processo que está enraizado em certos acontecimentos decisivos do passado, mas que continua no presente e que se cumprirá no futuro, numa nova criação. A “salvação no Novo Testamento aparece assim como um acontecimento em três tempos: nós 'fomos salvos', estamos 'sendo salvos' e 'seremos salvos'”.⁹ Os crentes desfrutam dos benefícios da salvação agora, mas também aguardam sua plena realização no futuro, sua escatológica consumação na glorificação de seus corpos.

1.2.1.2 Redenção-Resgate

Iniciemos mais uma vez nossa análise pelo Antigo Testamento, mas agora com as palavras “redenção-resgate”. Os termos hebraicos *gā'al* significam redenção, direito de redenção, preço da redenção ou *gō'ēl*, redentor, resgatador, como se vê em Jó: *Eu sei que o meu Redentor [gō'ēl] vive, e que no fim se levantará sobre a terra* (Jó 19:25 - NVI). O “sentido original desta raiz é o de cumprir o papel de resgatador, redimindo, portanto, seu parente da dificuldade ou do perigo”.¹⁰ Daí se obtém que “redenção” e “resgate” são sinônimos em seus significados. Há também outros termos hebraicos, *yabām* que indica o familiar redentor-resgatador (conferir, Dt 25:5-10); *kōper*, que significa resgate ou remir (Êx 30:12) e *pādāh* usada muitas vezes paralelamente de *gā'al* no sentido de resgatar, livrar, libertar (Lv 27:27; Sl 130:7-8; Os 13:14 e Jr 31:11).¹¹

Assim, no Antigo Testamento redenção significava resgate, um termo com conotações comerciais, jurídicas e pactuais. O resgate e/ou redenção poderia ser um tipo de ressarcimento por danos (Êx 21:28–32) ou a recuperação de propriedades perdidas ou da condição de liberdade de pessoas vendidas como escravas como pagamento de suas dívidas (Lv 25). O “resgate” paga o preço exigido para livrar e libertar o que foi tomado e escravizado. Poder-se-ia usar o termo para falar do povo de Israel “resgatado”, ou seja, liberto da escravidão do Egito (Dt 7:8); ou do cativo (Is 43:1-8; 48:20; 51:10), mas também do resgate do pecado (Sl 19:12-14; 103:3-4; 130:8) ou da morte (Jó 33:28; Sl 49:15; Os 13:14).

O primeiro desses usos, o resgate ou libertação do Egito, marcou a compreensão israelita do termo de tal modo que passou a ser usado para se referir a outros atos divinos de libertação (como visto, de outros cativos, ou da culpa, de situações de doença e perigo de morte) e de Deus como o “Resgatador”. Como escreveu Isaías: *Assim diz o Senhor, Rei de Israel, e seu Redentor (gō'ēl), o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro, e eu sou o último, e fora de mim não há Deus* (Is 44:6 NVI). O êxodo, portanto, torna-se a grande imagem de resgate que perpassa todos os escritos do Antigo Testamento chegando até o judaísmo dos dias de Jesus e de seus discípulos.

No Novo Testamento a palavra grega para “resgate” é *lytron* “preço da soltura”, “preço do resgate” bem como as palavras compostas a partir dessa, como *antilytron* “resgate”, “preço do resgate”, *lytroo* “resgatar”, “redimir”; *lytrōsis* ou *apolytrom* “redenção”, “libertação”, “soltura” e, por fim, *lytotes*, “redentor”.¹² Embora estivessem

⁹ Webster (2007:176)

¹⁰ Harris; Archer e Waltke (1998:300)

¹¹ Para a análise desses termos conferir Harris; Archer e Waltke (1998:173)

¹² Coenen e Brown (2000:1986).

em seu próprio território os judeus estavam de certa maneira sob cativo estrangeiro, debaixo do domínio de Roma, por isso a esperança judaica, no primeiro século era a de que o Messias resgatasse Israel (Lc 2:38; 24:21; cf. At 1:6), realizando mais um Êxodo, mas agora livrando não das mãos do Faraó, mas do imperador César.

Jesus afirma que sua vinda era precisamente para prover um resgate apesar de ser de outra natureza: *Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos* (Mc 10:45 NVI; cf. Mt 20:28). Ecoando a profecia do servo Sofredor de Isaías (Is 43; 53:10-12) Jesus afirma, neste texto, que seu resgate (gr. *lytron*) era por “muitos” e que se daria de modo vicário ou substitutivo (“por”, ou seja, em favor, ou prol de) e sacrificial (por sua morte, ao dar sua vida). Que o preço ou o meio para o resgate foi a morte substitutiva podemos entender quando o autor aos Hebreus, enfatiza que *não foi por meio de sangue de bodes e novilhos, mas pelo seu próprio sangue, que Jesus, o verdadeiro e único Sumo Sacerdote, entrou no Lugar Santíssimo de uma vez por todas, e obteve eterno resgate* (gr. *lytrosin*) (Hb 9:12 - NVI), ao suportar, em nosso lugar, a maldição divina que merecíamos sofrer (Gl 3:13).

Já as implicações do resgate que há apenas em Cristo Jesus (Rm 3:24-25; Ef 1:7, Cl 1:13, nestes textos temos gr. *apolytrosis*), pode-se notar que este visava nos libertar dos nossos pecados (Ef 1:7; Cl 1:14; Tt 2:14); nos adotar como filhos (Gl 4:5); nos comprar para si mesmo (1 Co 6:19b-20, 7:23; Ap 5:9; 14:4); nos livrar da escravidão e tirania da condenação pelo pecado (Rm 6: 6), e nos libertar de um estilo de vida corrompido (1 Pd 1:18-19, onde o termo usado é gr. *lytrouthai*). Assim, Paulo chegou a dizer que o motivo da entrega de Jesus na cruz foi precisamente para possibilitar este resgate: *Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, o qual entregou a si mesmo como resgate por todos* (1 Tm 2:6 - NVI). Em síntese, com a imagem do resgate para descrever a salvação, Jesus emerge no Novo Testamento como o verdadeiro Moisés que leva seu povo para o autêntico êxodo, libertando-os definitivamente do pior de todos os tiranos, e, conseqüentemente, da mais terrível forma de escravidão: a do pecado.

1.2.1.3. Reconciliação e Paz

No leque de imagens usadas pelo Novo Testamento para se referir a salvação em Cristo está a da “reconciliação”. Ela tem fortes conotações relacionais que evocam a restauração de um vínculo relacional entre pessoas que fora rompido. A reconciliação também é descrita evocando a imagem de um conflito e guerra entre os homens e Deus. Os seres humanos são descritos em sua rebelião como inimigos de Deus, que são reconciliados por ele. Um dos aspectos mais belos nesta imagem é que a parte ofendida, desprezada e traída é que toma a iniciativa de reconciliar-se com o ofensor já que Deus, rejeitado pela sua criação, se volta aos que se rebelaram contra ele a fim de trazê-los novamente para si mesmo. Aqui as imagens veterotestamentárias em que Deus é tratado como um pai cujos filhos o desprezam e se rebelam, ou como um esposo traído por uma esposa infiel e, ainda em seu amor incansável não desiste de seu povo (Is 1:2-4; Jr 3:19-20, 31:3-4; Os 11:1-4 8-9) lançam luzes para o que o Novo Testamento quer dizer ao descrever Deus buscando reconciliar-se com a humanidade.

Paulo diz que Deus estava reconciliando (gr. *katallasson*) a humanidade consigo mesmo na cruz de Jesus (2 Co 5:18-21; cf. Rm 5:10-11; Ef 2:14-17; Cl 1:20-22). Essa reconciliação, por sua vez, só se torna possível pelo sacrifício de Cristo (Cl

1:20–22,) revelando explicitamente que não há outro modo, por esforço humano ou autodeterminação religiosa ou moral, pela qual a criatura possa reconectar-se com seu criador. A ruptura, a inimizade, a alienação e a desconexão de Deus são restauradas somente por Jesus na cruz, estabelecendo então a paz entre ambos. Por isso, embora a paz seja um conceito mais amplo, pelo menos em parte, pode ser entendida como estando relacionada com a obra da reconciliação. Por que os seres humanos inimigos de Deus foram reconciliados, estão agora em paz com ele (Rm 5:1) e possuem *justiça, paz e alegria no Espírito Santo* (Rm 14:17-22 - NVI).

Uma vez que Deus nos reconciliou consigo mesmo ele derrubou os muros que nos separaram dele, mas não somente isso, ele também esmiuçou toda e qualquer parede que separa os homens entre si – o que revela a dimensão social desta paz. Isto porque Jesus cumpriu a vocação de Israel de abençoar todos os povos e trazer os gentios a si os muros que separavam judeus e gentios também foi derrubada, quando na cruz Jesus proveu os meios para salvar pessoas de todas as nações (Ef 2:11-18), formando um povo multiétnico sem barreiras econômicas, de gênero ou raciais (Gl 3:28; Cl 3:11). Paulo sintetizou do seguinte modo:

[...] o Pai reconciliou consigo todas as coisas. Por meio do sangue do Filho na cruz, o Pai fez as pazes com todas as coisas, tanto nos céus como na terra. Isso inclui vocês, que antes estavam longe de Deus. Eram seus inimigos, dele separados por seus maus pensamentos e ações. Agora, porém, ele os reconciliou consigo por meio da morte do Filho no corpo físico. Como resultado, vocês podem se apresentar diante dele santos, sem culpa e livres de qualquer acusação (Cl 1:20-22 - NVT).

Como se observa, a reconciliação e a paz são realizadas por Jesus em sua obra salvífica. Elas também são cósmicas o que tem implicações inevitavelmente escatológicas e se conectam com o sentido veterotestamentário de *shālôm*, que era uma expressão com ampla conotação, como “salvar”, “livrar da opressão”, “fornecer paz e prosperidade”, “salvação”, “completude”, “paz” ou “bem-estar”¹³. Isaías previu um tempo futuro cósmico de paz trazido pelo Messias e pelo Servo Sofredor, quando seu reino se efetivasse (Is 9:6–7; 52:7; 55:12; 66:12 cf. Na 1:15). Também segundo Zacarias o Rei que virá *proclamará paz às nações e dominará de um mar a outro, e do Eufrates até aos confins da terra* (Zc 9:10).

A luz disto, o Novo Testamento afirma que Cristo, que em sua cruz já venceu todos os inimigos (Cl 2:15) e quando retornar implementará este estado perene de paz que se estabelecerá pela eternidade, pois todo os seus inimigos serão extintos (Rm 16:20; 1 Co 15:24-28) e todo mal não mais existirá (Ap 21:4-5, 27). Salvos deste estado de rebeldia, alienação ou inimizade com Deus pela reconciliação efetivada na cruz os redimidos tem paz com o Senhor já agora, mas aguardam pela consumação da eternidade, o *shālôm* sem fim.

1.2.1.4. Justificação e Adoção

Algumas das imagens usadas para expressar a salvação cristã (por exemplo, a justificação e a adoção) descrevem os atos divinos que compõe a assim chamada “ordem da salvação” (em latim, *ordo salutis*) que é o processo como Deus aplica a redenção às pessoas as quais estudaremos adiante, por isso aqui apenas faremos uma rápida menção a elas, nos ocupando mais das imagens que elas evocam e que

¹³ Thisleton (2015:211)

contribuem para nosso entendimento da salvação. A justificação emerge entre as principais imagens neotestamentárias usadas para se referir a salvação, especialmente nas cartas paulinas, embora Lucas trate a respeito dela também (Lc 18:14).

A imagem tem uma conotação forense ou jurídica, evoca a corte de justiça cósmica onde Deus, o supremo e reto juiz tem um veredito condenatório a humanidade, por causa de seus terríveis pecados e iniquidades. A boa notícia é a de que a justiça de Deus que em sua retidão e santidade prevê a punição o pecado foi plenamente satisfeita – mas não nos culpados, os seres humanos – em seu justo e inocente Filho. Jesus tornando-se homem assumiu, vicária e substitutiva (Rm 5:19; Fp 2:8; Hb 5:8-9; 12:3), sobre si a culpa e condenação da humanidade (Rm 4:4-5, 5:16; 8:1; 2 Co 3:9, 5:21). Agora essa justiça de Deus, que é corretamente condenatória, uma vez satisfeita na cruz de Jesus pode se manifestar salvadora aos que nele creem: considera inocente, perdoado (justo e justificado), todo aquele que pela fé confia que suas dívidas e condenação foram graciosamente pagas no calvário (Rm 5:17-19; 1 Co 1:30; Fp 3:7-9).

É assim que o ímpio se apega pela fé em Jesus e em sua obra salvífica, com o mesmo afincamento com o qual um condenado agarra a chance de absolvição ou um escravo a sua alforria, não por qualquer mérito seu ou por sua estrita obediência, torna-se justo, absolvido de seus delitos (Lc 18:9-14; Rm 3:21-4:25; Gl 2:15-21; Ef 2:8-9; 2 Tm 1:9). Justificação, portanto, é ser aceito por Deus, tornar-se justo diante dele, já que sua sentença foi cumprida por Jesus, no qual pela fé confia (Rm 3:23-24). Salvar, neste sentido, é ser livre da culpa e da condenação que pesava sobre si estando absolvido de toda e qualquer penalidade.

Além da justificação, a salvação também é descrita através da imagem da adoção. Deus não apenas justificou os culpados, mas os recebeu como filhos amados, trouxe-os para sua própria família. Segundo Jesus, Deus é nosso Pai e nós somos seus filhos com o qual temos um relacionamento pessoal de afeto, intimidade e de cuidado que sempre nos provê o necessário e nos ama incomensuravelmente (Mt 6:9; Jo 1:11-12; 11:52, 16:26-27; 1 Jo 3:1-2). Paulo, por sua vez, usou a metáfora da filiação ao dizer que fomos adotados, valendo-se assim de uma noção romana, própria de sua época. No direito romano aquele que era adotado tornava-se herdeiro do chefe de família (o *pater familias*) e, do mesmo modo nós, como gentios, uma vez incorporados na família de Deus, nosso Pai. Passamos a ser herdeiros das promessas feitas a Abraão (Rm 8:15-17; Gl 3:29, 4:5-7). Deste modo, enquanto a justificação expressa a salvação humana em termos de absolvição e liberdade da culpa, a filiação expressa a salvação como um tornar-se filho de Deus, tornando-se parte de sua família.

1.2.1.5. Sacrifício e Expição

Os sacrifícios de animais eram centrais para a religião hebraica segundo o Antigo Testamento, desempenhando um papel crucial em várias práticas e cerimônias religiosas. Essas ofertas serviam como meio de adoração, expiação de pecados, purificação e expressão de gratidão a Deus. Havia holocaustos ou ofertas queimadas que eram diários (heb. *ōlāh*, Lv 1), sacrifícios de paz ou pacíficos (heb. *shelāmim*, Lv 3), pelo pecado (heb. *Chatat*, Lv 4), pela culpa (heb. *’āshām*, Lv 5), além do Dia da Expição, descrito em Levítico 16, ou mesmo o abate do cordeiro por ocasião da Páscoa (Êx 12:14-20; Dt 16:1-8). Estes sacrifícios veterotestamentários, para autores do Novo Testamento, apontavam para um único e perfeito sacrifício capaz de

efetivamente poder reconciliar, purificar e perdoar os pecadores de suas iniquidades. Sob inspiração do Espírito, estes autores interpretaram o significado salvífico da morte de Jesus na cruz valendo-se da linguagem, das imagens dos sacrifícios realizados pelo povo judeu.

Isto pode ser notado nas várias referências a sua morte como sacrifício para denotar seus propósitos e efeitos redentivos. Em algumas passagens fala-se de seu “sangue” vertido na cruz semelhante ao derramar do sangue de um animal sacrificial. Alguns destes textos exploram a função dos sacrifícios, ou seja, eles eram realizados pelo pecado, para perdoar e purificar o ofertante, onde um animal “puro”, sem “defeito” (evocando igualmente a pureza de Jesus, sem pecado) era “feito pecado” na morte sacrificial (Rm 8:3; 2 Co 5:21), pois eram realizados pelos “pecados” dos homens (Rm 4:25; 1 Co 15:3; Gl 1:4.). Por isso, João pôde afirmar que: *o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado* (1 Jo 1:7 - NVI). Da mesma forma, o autor de Hebreus escreveu:

Quando, porém, veio Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação, não por meio de sangue de bodes e de bezeros, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção. Portanto, se o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha, aspergidos sobre os contaminados, os santificam, quanto à purificação da carne, muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo! (9:11-14).

Outra imagem neotestamentária que remete ao sacrifício é a do cordeiro pascal. A imagem do cordeiro que era morto na Páscoa para celebrar a libertação da escravidão do Egito para a liberdade como modo de se referir a Jesus, já se encontra no Evangelho de João (no reconhecimento de João Batista que disse: *eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*, cf. Jo 1:29), mas também na carta de Paulo, onde o apóstolo assevera, *Pois, Cristo, o nosso Cordeiro pascal, foi sacrificado* (1 Co 5:7). Não por menos o cordeiro tenha se tornado uma metáfora com profundo significado simbólico no Apocalipse. João vê Jesus como um cordeiro triunfante, detentor de todo poder e autoridade, precisamente por sua morte a qual é celebrada: *Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação* (Ap 5:9 - NVI). Assim, a morte de Jesus é vista como uma auto entrega, um auto sacrifício feito “por nós” ou “pelos nossos pecados” (Rm 5:6-8, 8:32; 1 Co 15:3; 2 Co 5:14-15, 21; Gl 3:13; 1 Ts 5:9-10) ou ainda “por mim”, como máxima demonstração de amor, como Paulo escreveu: *me amou e a si mesmo se entregou por mim* (Gl 2:20).

Com isto se compreende a centralidade que a cruz (Jo 12:32-33; At 2:23; 1 Co 2:11-15; Fp 2:8; Hb 12:2) ou o madeiro, nas palavras de Pedro (1 Pd 2:24) adquire no Novo Testamento como demonstração do amor, da graça, do perdão divinos ou até mesmo como evento máximo da salvação. Isto a tal ponto de Paulo poder denominar o evangelho como “mensagem da cruz” (1 Co 1:18) e o cerne de sua pregação como sendo a do “Cristo crucificado” (1 Co 1:23).

Além disso, entre esse corolário de referências aos sacrifícios para descrever os propósitos e efeitos salvíficos da morte de Cristo deve-se destacar a ideia da expiação. De fato, a ideia da expiação era fundamental já no Antigo Testamento. Para se referir a esta noção, em hebraico, encontramos os substantivos, *kōper*, “resgate, dádiva para obter favor” (Êx 30:12), *kippur* “expiação” para referir-se ao “dia da expiação” (*yom kippur*), *kappōret*, o “propiciatório”, a tampa da arca, onde se fazia a

expição, além do verbo *kāpar* “fazer expiação, fazer reconciliação, purificar”.¹⁴ Esses termos derivados de *kāpar* são usados na grande maioria para se referir aos ritos de sacrifícios realizados pelo sumo sacerdote no Templo onde o sangue do animal era derramado para o perdão, remoção e purificação de pecados do ofertante e de modo geral, de todo o povo, como no dia da Expição.

Neste sentido, *Yom Kippur*, conhecido como o Dia da Expição, era o dia mais solene no calendário religioso do povo de Israel (Lv 16; Nm 29:7-11; Ez 45:18-21). Esse evento ocorria uma vez por ano (Lv 16:34), no décimo dia do sétimo mês – entre setembro e outubro (Lv 16:29). O dia da expiação é de grande importância para o entendimento do que significava expiar (heb. *kipper*). Primeiro, o sacrifício era para lidar com a impureza (heb. *ṭāmē*) e os pecados (heb. *ḥāṭā’ā*, Lv 16:16) da nação. Segundo, o sacrifício era abrangente, para todo o povo. Isso porque todo o povo (inclusive os sacerdotes e o próprio sumo sacerdote, que deveria fazer sacrifício por si e mesmo) era pecador, logo precisavam ser expiados.

Terceiro, havia uma noção representativa e substitutiva. Eram dois animais requeridos para o sacrifício. O sumo sacerdote deveria sacrificar um dos bodes para expiação (Lv 16:15-19) e outro era levado vivo ao deserto (Lv 16:20-28) para simbolizar a remoção do pecado do arraial israelita – o levar para longe da vista de Deus e do povo, seu perdão completo. O sumo sacerdote colocava suas mãos sobre a cabeça do bode, confessava todas as iniquidades, rebeliões e pecados do povo, e o animal era então levado para o deserto (Lv 16:21). Este impor das mãos sobre o animal (Lv 16:21) provavelmente simbolizava a “transferência” dos pecados sobre o animal, conotando uma ideia de substituição.

Quarto, a expiação revelava a misericórdia, a graça de Deus. Os israelitas não podiam obter ou alcançar a expiação por conta própria. Na Bíblia, o verbo expiar é uma ação exclusiva de Deus, realizada em favor dos pecadores. O sacrifício simbolizava a decisão unilateral de Deus de mostrar misericórdia e acolher o pecador arrependido, em vez de puni-lo, aceitando um sacrifício substitutivo e removendo seus pecados de sua presença, simbolicamente representado pelo bode enviado ao deserto.

Indubitavelmente, no Novo Testamento a salvação em Cristo é descrita como expiação dos nossos pecados, evocando essa concepção veterotestamentária, cumprindo na sua morte o perdão dos pecados mediante a representatividade para com os pecadores, sua substituição vicária pela graça e misericórdia. O equivalente grego para substantivo hebraico *kappōreth* (propiciatório, tampa da arca) que é usada pela Septuaginta é *hilastērion*. Esta palavra aparece em Hebreus 9:5 traduzido como “propiciatório”, a tampa da arca da aliança. Também é utilizada por Paulo em sua carta aos Romanos, como se nota:

sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação [hilastērion] mediante a fé, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça. Em sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos (Rm 3:24-25 - NVI)

A palavra *hilastērion* foi traduzida pela NVI como “propiciação”. A Almeida Século 21, traz “sacrifício propiciatório”; a NVT “sacrifício pelo pecado”, ou apenas “sacrifício” como o faz a NTLH. O debate para a tradução do termo em Romanos 3:25

¹⁴ Harris; Archer e Waltke (1998:743).

está em torno se o correto seria traduzir *hilastērion* por “propiciação” ou por “expição”. A questão é que em grego propiciação, tinha o significado de aplacar ou apaziguar a ira a Deus. A propiciação indicava que um sujeito praticava o apaziguamento de um deus mediante o sacrifício ou oferta, de modo que a divindade era objeto passivo da ação humana. O problema então é que no Antigo Testamento Deus nunca é o objeto da expiação. Verifica-se que *kāpar* “fazer expiação”, ou *kippur* “expição” se direciona ao pecado, para removê-lo ou purificá-lo da vida de um ofertante não para “acalmar” o Senhor (Ex 32:30; Lv 4:35, 5:26).

Também em Romanos, Paulo afirma que *Deus o ofereceu [Jesus] como sacrifício para propiciação* (Rm 3:24), logo Deus não foi aplacado pelos seres humanos, já que ele mesmo é o agente da propiciação-expição, uma vez que ele mesmo ofereceu seu Filho Jesus. Isso significa que ao utilizar o termo propiciação é preciso distinguir o sentido bíblico da noção pagã em que o humano aplacava a divindade. Embora haja uma justa e santa ira de Deus que recaia sobre o pecado, é o próprio Deus como agente unilateral que ao expiar o pecado e culpa dos pecadores mediante o sacrifício de Cristo desvia destes sua própria ira. E uma vez que Jesus é Filho de Deus, Co-igual ao Pai em sua natureza divina, é como se Deus se deixasse propiciar, “como se ele propiciasse a si mesmo”.¹⁵

Por isso embora o significado comum no grego cotidiano fosse “propiciar”, Barrett defende que o termo em Romanos só pode significar “expiar”. Assim, traduzir *hilastērion* como “expição” “protege contra qualquer noção quase pagã de apaziguamento e contra qualquer enfraquecimento da graça de Deus em iniciar a expiação. Não procura “mudar” um Deus relutante. Deus causou e propôs isso!”.¹⁶

Seja como for, é evidente que o sacrifício, em suas variadas alusões (no sangue, na entrega, na cruz ou em Jesus como cordeiro, como expiação etc.) foi uma das mais frequentes imagens usadas no novo Testamento para exprimir o que significa ser salvo, neste caso, ser totalmente perdoado de seus pecados, purificado, expiado, pela autoentrega de Cristo no Calvário, num ato de desmedido de amor e graça jamais vistos pelo mundo.

Em síntese, diante de todas as imagens apresentadas, concluímos afirmando que ser salvo significa ser liberto da culpa e condenação de nossas iniquidades e desta presente era para uma nova era recriada e eterna, resgatado da escravidão do pecado e da morte, reconciliado com Deus que, mesmo ofendido e aviltado pelos nossos males, tomou a iniciativa de nos inocentar pela justificação e nos adotar como filhos e filhas no seio de sua família, expiando ele mesmo nossos pecados, nos purificando e perdoadando definitivamente na cruz, pelo sangue de Cristo, seu Filho.

Além destas, o Novo Testamento recorre a outras imagens para expressar a salvação, que poderiam ser igualmente evocadas aqui, como por exemplo, o novo nascimento (Jo 3:3), a nova aliança (Lc 22:20) ou a salvação como vitória-triunfo de Cristo (Ap 12:11) e sua nova criação (Ap 21:1). Até mesmo Paulo, para além das imagens que já foram abordadas, se vale de outras para referir-se à salvação, por exemplo, a imagem de cancelar um registro de dívida ou de culpa criminal (Cl 2:14) ou como ser transferido para outro reino, das trevas para o governo do Filho amado (Cl 1:13). Contudo a quantidade de imagens usadas exige daquele que as aborda que se concentre em algumas, naquelas que são mais recorrentes nas páginas do Novo Testamento.

¹⁵ Goldingay (2020:335)

¹⁶ Barrett *Apud* Thisenton (2015:224).

Estes vários termos e imagens vistos anteriormente mostram, por um lado, a salvação é obra de Deus, repousa nos seus atos e não nos nossos; do início ao fim, tornada possível e concretizada somente por ele, soberana, livre e graciosa. Ela é expressão dos atributos de Deus, de quem ele é, ou seja, justiça, retidão, fidelidade pactual, misericórdia, graça e amor. Mostra que a salvação só é possível pelos atos redentores de Deus (salvação, libertação, resgate, reconciliação, pacificação, justificação, adoção, expiação, perdão) na história, realizados por meio Cristo Jesus, isto é, oferecendo seu amado Filho como substituto, representante, sacrifício expiatório de purificação. Sem que Cristo assumisse os papéis de libertador, resgatador, rei e Messias, cordeiro sacrificial, sumo sacerdote nenhum pecador seria redimido.

Por outro lado, a riqueza no uso de tantos termos, imagens e metáforas para exprimir a salvação objetiva tornar evidente sua extensão e profundidade. Esta potência imagética e terminológica vista na abordagem canônica da salvação, que varia diversas imagens e termos para exprimir a salvação em Cristo, parece objetivar explorar dimensões, facetas e aspectos (espirituais, emocionais, sociais etc.) que juntas confluem para o significado amplo, extenso e profícuo do que significa “ser salvo”. A variedade visa “dar conta” da profusa, misteriosa e gloriosa experiência que os cristãos vivem ao crer em Jesus, as transformações pessoais, o poder experimentado, a confiança, o senso de pertencimento e amor e graça incomensuráveis, de a esperança e alegrias inabaláveis quanto ao futuro eterno que se avizinha dos salvos.

1.3. Quando a salvação foi projetada?

A pergunta sobre quando a salvação foi planejada retrocede, segundo as Escrituras, a um momento em que nem o próprio tempo existia — a eternidade. De fato, antes que houvesse matéria, tempo e espaço, Deus decidiu trazer o universo à existência e nos criar para viver em comunhão com Ele e uns com os outros em uma terra onde tudo era bom (Gn 1-2). Autodeterminados e livres, infelizmente, cedemos à tentação e usamos nossa liberdade para nos rebelar contra a vontade do Criador, fazendo o mal e trazendo pecado e morte a este mundo, corrompendo a criação (Gn 3). No entanto, quando a história parecia já encontrar seu fim, Deus promete preservar a raça humana até que o próprio descendente da mulher trouxesse vitória sobre a serpente tentadora, esmagando-a, por fim (Gn 3:15), revelando assim Seu plano de derrotar o mal que se abateu sobre Sua criação.

Isso significa que, já na eternidade, Deus decidiu trazer tudo à existência, mesmo ciente, em Sua presciência, de que Sua criação humana se rebelaria. Em Sua graça e amor, Ele decidiu salvá-los e redimi-los dos danos causados pela rebelião. Para isso, Ele se manteve em relacionamento com aqueles da linhagem de Adão que O invocavam (Gn 4:25-26; 5:29; 6:9; 9:26-27). Sendo, contudo, santo, Deus deseja trazer justiça à Terra, corrigindo as injustiças e reparando o mal que se alastra. Isso fica demonstrado na narrativa do dilúvio onde Deus entra em juízo com a humanidade corrompida, mas, contudo, na Sua graça, poupa e preserva a raça humana, através de Noé (Gn 6:5-8).

Esse padrão de escolher indivíduos dentre a humanidade decaída, revelar-Se especialmente a eles numa aliança, preservá-los e usá-los para manifestar-Se ao mundo se estabelece na narrativa bíblica. Seu plano, com isso, é que, a partir desses indivíduos, revelar-Se e estender Sua bênção sobre todos, abençoando todas as famílias da Terra. Esse é o propósito para o qual Deus chamou Abraão (Gn 12:1-3).

Abraão “restaurará a bênção prometida ao primeiro homem (1:28), e à nação que provém dele urgirá para resolver a situação das nações dispersas [no evento da torre de Babel] (Gn 11:1-9)”¹⁷, trazendo todos novamente para Deus.

A vocação de Israel, povo descendente de Abraão, o pacto, a lei, o tabernáculo-templo, os sacerdotes, os sacrifícios, os reis e os profetas dados por Deus ao longo dos séculos foram para revelar Sua santidade, justiça, graça e amor, para que, por meio de Seu povo, as nações O conhecessem. Israel deveria ser um povo sacerdotal, que intermediasse Deus perante as nações (Êx 19:4-6; ver também Lv 19:1-2; Dt 26:17-18). Sua verdadeira vocação era ser uma luz para os povos (Is 49:6). Contudo, como Adão, Israel também falhou em obedecer ao Criador, deixou sua função sacerdotal, tornando-se exclusivista, sendo uma maldição ao invés de uma bênção para este mundo (Zc 8:13).

De fato, um a um, todos falharam: Adão, o povo de Israel, os reis, os sacerdotes, os servos de Deus, toda a raça humana (Rm 3:23). Em meio a esses fracassos, as promessas de restauração universal da criação se acumulavam para o futuro, revelando que o plano de Deus permanecia firme (Sl 22:27-28, 67:1-2, 86:9; Is 2:2-4; 42:6; 49:6; 56:6-7; Jr 16:19; Zc 2:11). Quando Jesus surge na Palestina, dois mil anos atrás, Ele é identificado como sendo a inauguração e concretização dessas promessas. Jesus é o Segundo Adão, descendente da mulher que esmagaria a serpente; o verdadeiro Israel, o Messias, Rei dos reis, o sumo sacerdote perfeito que realizou, com Sua própria morte, o servo sofredor de Deus que haveria de salvar Seu povo, o representante de toda a raça humana, por meio de quem todas as nações seriam abençoadas conforme a promessa abraâmica.

Jesus, portanto, é a consumação do plano histórico de Deus para a salvação humana, plano este concebido já na eternidade. Pois, segundo Pedro, *Ele, Jesus, foi escolhido antes da criação do mundo, mas agora, nestes últimos tempos, foi revelado por causa de vocês* (1 Pd 1:20 - NVT). De fato, o Apocalipse enfatiza que o plano salvador de Deus foi estabelecido já na eternidade, ao afirmar que o Cordeiro *foi morto antes da criação do mundo* (Ap 13:8 - NVT). Assim, antes que qualquer próton, elétron, molécula ou átomo existisse, na eternidade, Deus decidiu trazer tudo à existência e, mesmo ciente de que Sua criação humana se rebelaria, decidiu, em Sua graça e amor, salvá-los e redimi-los dos danos causados pela rebelião através de Seu Filho Jesus.

Paulo mais tarde concluiu: *Mesmo antes de criar o mundo, Deus nos amou e nos escolheu em Cristo para sermos santos e sem culpa diante Dele* (Ef 1:4 - NVT). Seus pactos e alianças, seus atos na história, os indivíduos que chamou e vocacionou, ou seja, Sua ação no mundo desde o início, confluem para Seu plano histórico — o que é denominado de “história da salvação”. Enfim, do jardim maculado pela rebelião à escatológica nova cidade redimida de toda transgressão e seus efeitos maléficos, da terra maculada pelo pecado aos novos céus e terra que em breve se manifestarão, da criação corrompida pela iniquidade até a nova criação restaurada, ou seja, de Gênesis a Apocalipse, vemos o plano salvífico tornado possível pela obra de Cristo, conforme os desígnios eternos do Deus Triúno.

1.4. O que tornou a salvação possível?

¹⁷ Bird (2013:625)

A partir de tudo o que foi tratado até aqui, chega-se ao entendimento de que o Novo Testamento é unívoco em afirmar que a salvação foi possível somente por Jesus Cristo. Isso ocorre por duas razões fundamentais.

Primeiramente, por ser quem Ele é. Jesus é o perfeito israelita e o perfeito homem, capaz de nos representar. Ele é descendente de Adão e Abraão (Mt 1:1; Lc 2:1-14; 19:9-10; Rm 4; Gl 3). Por ser quem Ele é, foi o único capaz de representar os seres humanos e Israel, acertando onde eles erraram e sendo então aprovado em lugar deles (Mt 4:1-11; Mc 1:12-13; Lc 4:1-13; Hb 4:15). Ele é o Messias esperado, o Filho do Homem, Filho de Deus, Filho de Davi e o Servo sofredor a concretização de todas as esperanças veterotestamentárias.

Mas ele também é o *Logos*, que em Sua natureza divina é eternamente um com o Pai (Jo 1:1-18). De fato, Jesus agiu revelando ser e fazer o que apenas Deus é e pode realizar (Mt 26:63-68; Mc 2:5-12; Jo 8:48-59; 10:29-31), pois é, de fato, o próprio Deus encarnado. Ser divino foi reconhecido pelos autores do Novo Testamento como fundamental para a salvação que Ele proporcionou, pois, sendo o próprio Deus, é capaz de ser um verdadeiro intermediário na relação entre os homens e Deus (Jo 1:1-3; Fp 2:5-7; Cl 1:16-17; 2:9; Tt 2:13; Hb 1:8; Ap 22:13). Jesus é, portanto, singular porque é o único plenamente Deus e plenamente humano. Ao mesmo tempo que é o “Deus Criador, o Deus de Adão, de Abraão, de Davi e dos profetas, Ele também é o verdadeiro homem, o Último Adão, a descendência de Abraão, o filho de Davi e o verdadeiro profeta”¹⁸ (Mt 21:9; Lc 4:16-24; Rm 1:3; 5:19; 1 Co 15:22,45; Gl 3:16; Cl 1:15). Ele é único Deus e Homem em Sua natureza.

Em tudo isso, em Sua singularidade, Jesus se torna o único capaz de, com Sua obra redentiva, reconciliar Deus e os homens (1 Tm 2:5-6), cumprindo todas as promessas e profecias sobre o papel de Israel para ser luz para as nações, servo sofredor e o Messias Soberano sobre o mundo (Is 7:14 cf. Mt 1:22-23; Mq 5:2 cf. Mt 2:1; Jr 23:5 cf. Lc 1:32-33; Is 9:1-2 cf. Mt 4:13-16, Jo 8:12; Is 53 cf. Mc 15:27-28, 1 Pd 2:24, Mt 16:16-17, Lc 4:17-21, Jo 4:25-26).

Isto nos leva à segunda razão fundamental pela qual a salvação tornou-se possível apenas por Jesus, isto é, pela obra que Ele realizou, por aquilo que ele fez e que somente ele poderia de fato fazer. Foi a vida, morte e ressurreição de Jesus que tornaram possível a salvação. Como visto, é ela que possibilita o resgate, a redenção, a expiação, a reconciliação, a justificação etc.

No que diz respeito à Sua obra na cruz, seu sacrifício tornou a salvação possível porque foi exemplificativo, representativo e penal. É exemplificativo porque demonstrou de maneira poderosa e prática o amor de Deus, a justiça divina e a vitória sobre o mal e o pecado (Rm 3:25-26, 5:8; Cl 2:15). Na Sua morte, Jesus substituiu Israel e toda a humanidade e, por isso, os representou (Is 53:4-5). Jesus representa o povo de Israel e, por extensão, toda a humanidade. Ele vive a vida que Israel e a humanidade não conseguiram viver e morre a morte que eles merecem, tornando-se o verdadeiro representante da raça humana. Assim, ela também é penal, já que Jesus substituiu os pecadores, levando sobre Si as consequências do pecado (1 Pd 2:24).

Além disso, deve-se notar, não somente Sua morte, mas também Sua ressurreição é parte fundamental e constitutiva de Sua obra de salvação. Isso porque salvação, como visto, implica em restaurar e redimir a criação dos danos do pecado. A condição humana fadada à morte pelo pecado encontra na ressurreição de Cristo a esperança da glorificação. Sua ressurreição é o triunfo sobre a morte e sobre o pecado e garante a redenção do corpo e da própria criação (Rm 8:19-23; 2 Pd 3:11-

¹⁸ Goldsworthy (2018:305)

13). Sua ressurreição garante uma renovação cósmica, recriando céus e terra (Ap 21), mas também corpos renovados (1 Co 15). Nas palavras de Goldsworthy

A estratégia divina de salvação agora aparece com maior clareza. Tudo o que Deus prometera no Antigo Testamento se cumpre em Cristo, sobretudo na sua ressurreição dentre os mortos (At 13:32-33). A mensagem de Cristo é a declaração de que todas as promessas de Deus são cumpridas nele (2 Co 1:20) [...] todas as promessas de Deus são de fato cumpridas com o nascimento, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus. As promessas do Antigo Testamento dão sentido à regeneração de todas as coisas. É a recriação do reino em que Deus, o seu povo e a ordem criada existem em perfeita harmonia, cumprindo perfeitamente os seus respectivos papéis. A estratégia da salvação, portanto, é que Deus restaura o reino por meio de Cristo, mediante a obra de Cristo e, efetivamente, na pessoa de Cristo. De modo representativo, Cristo, o Deus-homem, é a regeneração de todas as coisas. Ele é verdadeiramente Deus, verdadeiramente homem e verdadeiramente ordem criada, convivendo juntos perfeitamente.¹⁹

Assim, é somente a pessoa e a obra de Jesus que torna a salvação possível, o que nos leva à constatação de que somente Ele salva. Em resumo, a obra de Jesus torna a salvação possível porque Ele é a revelação suprema de Deus, o mediador da vida divina e o agente de reconciliação. Através da encarnação, morte e ressurreição de Jesus, a humanidade é reintegrada na comunhão com Deus.

1.5. Qual a base da salvação?

O amor e a graça livres de Deus, como iniciativa, fundamento e base da salvação, são visíveis desde o Antigo Testamento com a escolha de Abraão e sua família, seguidos pelos seus descendentes étnicos. Vemos repetidamente o incansável, persistente e fiel compromisso misericordioso de Deus em resgatá-los perpetuamente. A aliança e o juramento de Deus com Israel sempre foram fundamentados na misericórdia divina, captada pelo termo "graça" no Novo Testamento. No Antigo Testamento, há uma noção de graça para expressar o favor ou inclinação de Deus, de um superior para um inferior, pela palavra hebraica *hen* (Gn 6:8, Êx 33:13, Pv 12:2). Mas também a graça é expressa como "misericórdia", "bondade", "compaixão" ou "amor leal" de Deus valendo-se da expressão *hesed* (Êx 34:6-7; Sl 136). A palavra grega *charis*, equivale ao termo hebraico "*hen*", "favor", enquanto *hesed* normalmente é traduzida por *eleos*.

No Novo Testamento Paulo é o autor que mais se utiliza de *charis* para elaborar uma teologia a respeito da graça de Deus. Um dos motivos pelos quais Paulo usa *charis* para falar sobre graça, além do pano de fundo veterotestamentário apresentado acima, é o seu contexto greco-romano, onde deuses ou indivíduos concediam benefícios para cidades ou instituições. A palavra *charis* era entendida como "favor" feito, e regularmente no plural, *charites*, como "favores" concedidos ou retribuídos.

É possível que neste contexto, o termo deve ter sido familiar para Paulo e seus leitores, diariamente visível nas numerosas inscrições que adornavam qualquer cidade grega, comemorando ou homenageando benfeitores do passado. O uso paulino da graça, deste modo, provém do contexto de benefícios, onde deuses ou indivíduos concedem favores a cidades ou instituições, como era visto nas inscrições laudatórias que comemoravam seus benfeitores. Mas o uso que o apóstolo faz em

¹⁹ Goldsworthy (2018:309-310).

sua do termo *charis* adquire noções muito próprias à medida que a utiliza para desenvolver a soteriologia cristã o que finda por elaborar uma rica teologia da graça neotestamentária. Essa teologia da graça, desenvolvida para explicitar a base da salvação em Cristo, possui alguns aspectos que devem ser ressaltados.

Primeiro, a graça é uma iniciativa soberana de Deus para salvar a humanidade. É um ato de amor incondicional e misericórdia, onde Deus toma a iniciativa de reconciliar o mundo consigo mesmo através de Jesus Cristo (Ef 2:8-9). A graça é a ação soberana de Deus, independente das obras humanas. Ela é um dom livre de Deus, que não pode ser merecido ou conquistado pelo ser humano. Por isso, somos sempre passíveis, isto é, nós a recebemos, ela nos é dada (Rm 3:24; 15:15; 17:20; 1 Co 1:4-5, 3:10; 15:10; 2 Co 6:1; Gl 1:6, 15; 2:9, 21; Ef 2:5, 8, 3:8; 4:7; 2 Tm 1:9; Hb 2:9; 1 Pd 1:10).

Segundo, a graça é necessária devido ao estado de pecado em que todos nós nos encontramos sem Cristo, que nos separa de Deus e torna impossível, por nossos próprios méritos, alcançar a salvação (Rm 3:23). Em outras palavras, a graça é soberana e livre da parte de Deus, porque não podemos fazer nada por nós mesmos. Ela é necessária, pois de outro modo jamais seríamos salvos.

O mundo continua desviado, voltando as costas para Deus. Se Deus aguardasse até que o mundo caísse em si, teria que aguardar para sempre. Antes, Deus carrega a transgressão do mundo, aceita a responsabilidade por ela – não no sentido de que é culpa de Deus, mas no sentido de que não age com base no fato de o mundo haver cometido um erro e estar recebendo o que merece.²⁰

Terceiro, a graça de Deus é plenamente revelada em Jesus Cristo. Jesus é a manifestação suprema da graça divina, onde Deus se revela e se doa completamente à humanidade: *Pois a lei foi dada por meio de Moisés, mas a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo* (Jo 1:17 - NVT). Além de se revelar em Cristo, a graça tem seu máximo esplendor no evento do Calvário. A graça é mais plenamente revelada na cruz de Cristo, onde Deus se identifica com o sofrimento humano e toma sobre si o peso do pecado e da injustiça. A graça é vista no amor sacrificial de Deus, que se entrega para a redenção da humanidade (Jo 3:16; Gl 2:20; 1 Co 1:18). Na cruz, Deus se reconcilia com o mundo, tomando sobre si o pecado da humanidade e oferecendo perdão e restauração (2 Co 5:18-21). Por se revelar no evento da cruz, a graça é também histórica: é a ação redentora de Deus na história humana. Ela não é apenas um atributo de Deus, mas uma realidade dinâmica que se manifesta na intervenção divina no mundo. Ela se manifestou em uma pessoa histórica (Jesus de Nazaré) e de modo máximo em um acontecimento da história: a crucificação de Cristo. A graça de Deus não é apenas um conceito teológico, mas uma ação eficaz de Deus na história.

Os textos que parecem indicar que as obras são o meio ou a base da salvação (Mt 25:31-46; Lc 7:36-50; 18:18-30; Tg 2:18-26), na verdade, mostram-nos como resultados da redenção, pois são obras ou ações que decorrem daqueles que primeiro creram em Deus, que tinham fé nele, e, por isso mesmo, essas boas ações podem ser evidências da obra salvífica em suas vidas. É por isso que as obras, embora não sejam a base ou o meio para ser salvo, são de suma importância, conforme esses textos bíblicos, pois elas evidenciam a graça que opera no redimido, o fruto do relacionamento autêntico com Cristo, da fé em Deus. As obras atestam a

²⁰ Goldingay (2020:336).

autenticidade de uma vida redimida por Cristo, cuja operação da graça é manifesta a todos.

1.6. Todos serão salvos?

“Universalismo” é o termo comumente utilizado para se referir à crença de que todas as pessoas serão salvas. Isso pode ocorrer porque, no fim, Deus irá perdoá-las, mesmo que primeiro precise aplicar um castigo escatológico aos que agiram mal; ou através de um tipo de perdão universal sem castigo algum; ou ainda porque a obra de Cristo será aplicada universalmente a todas as pessoas, independentemente de sua religião ou ética (uma reconciliação universal). Na prática, isso resulta na ideia de que “todos os caminhos levam a Deus”, independentemente da crença ou ceticismo, ou mesmo de suas ações morais. O pluralismo religioso pós-moderno é uma versão universalista que defende que todas as religiões “alcançam a salvação (independentemente de como ela é construída) com igual poder e eficiência”.²¹

O oposto do universalismo ou do pluralismo religioso é o exclusivismo cristão. As afirmações centrais do cristianismo bíblico são consideradas verdadeiras nesta posição teológica. Portanto, outras religiões, quando seus ensinamentos contradizem essas afirmações, devem ser necessariamente falsas. Essa perspectiva implica certas compreensões sobre quem Jesus é, o que a Bíblia representa e como a salvação é alcançada – compreensões estas abordadas até aqui. O exclusivismo, geralmente, sustenta que a salvação não pode ser obtida através das estruturas ou ensinamentos de outras religiões. Ele não afirma que todas as outras religiões estão erradas em todos os aspectos, nem que todos os que se identificam como cristãos são salvos ou corretos em tudo. O exclusivismo insiste que, nos pontos onde outras religiões são contraditas pela revelação graciosa de Cristo, elas devem estar necessariamente erradas. Esta noção exclusivista parece a mais apropriada a partir dos dados das Escrituras sagradas, tais como:

- A Bíblia afirma que, diante de Deus, não existe ninguém que seja verdadeiramente justo e que possa salvar-se sem Cristo (Sl 143:2; Rm 3:23, 6:23).
- Todos os que praticam o mal enfrentarão a ira justa de Deus no julgamento (2 Pd 3:7; Ap 20:11-15).
- Somente Jesus salva (At 4:12; 1 Tm 2:5).
- A Bíblia distingue os que seguem o caminho da vida dos que escolheram o trilho da morte e destruição (Mt 7:13).
- Jesus também falou de uma condenação justa pelo pecado (Mt 5:29–30; 18:8–9; 22:13; 23:33; Mc 9:47–48; 10:28).
- Jesus disse que algumas pessoas não crerão nele e perecerão (Jo 3:16), descrevendo que elas serão condenadas (João 5:28-29).
- Para aqueles que praticaram o mal, Jesus afirma que haverá um castigo (o aniquilamento), cuja consequência será eterna (Mt 25:46). Os ímpios irão para a perdição e serão destruídos (Sl 37:9-20, 38; Pv 2:22; Fp 3:19; 1 Ts 5:3; 2 Ts 1:9; Hb 10:27; 2 Pd 3:7).

²¹ Carson (2013:25).

- A Bíblia é categórica ao falar sobre aqueles que não entrarão no reino de Deus (1 Co 6:9-11), que ficarão de fora da nova Jerusalém (Ap 21:8), excluídos da salvação eterna.

Assim, o exclusivismo cristão encontra sólido apoio nestes dados bíblicos. Mas, e aqueles textos que falam do amor e da graça de Deus que deseja salvar a todos, por exemplo, Jo 3:16; 1 Tm 2:4, 4:10 e Hb 2:9? Bem, os textos são explícitos em dizer que o amor, a graça ou mesmo expiação de Cristo são universalmente disponíveis e franqueados a todas as pessoas, mas não falam de qualquer salvação universal, já que são aceitas por fé – e, disto decorre que as pessoas podem rejeitar Deus e a obra de Cristo, restando-lhes a perdição (Jo 3:16, 18). A misericórdia, graça e amor são demonstrados a todos, universalmente em seu alcance e extensão, mas apenas os que aceitam a oferta salvífica generosa serão salvos. Então, a salvação, de acordo com as Escrituras, não é universal, embora esteja universalmente disponível a todos que pela sua graça a conhecerem e aceitarem pela fé (Rm 10:14-15). Assim, podemos elencar algumas razões pelas quais o universalismo não encontra respaldo nas escrituras cristãs:

Primeiro, as Escrituras ensinam que a fé pessoal é necessária e fundamental para desfrutar da salvação graciosa de Deus. O Evangelho de João é claro ao enfatizar que é preciso receber a Cristo (Jo 1:12), crer nele (Jo 5:24; 20:31). A crença em Cristo é crucial para a salvação (At 16:31; Rm 10:10; 1 Co 1:21; Hb 11:6). Sem a resposta humana à salvação, que é a fé, ainda que tal resposta seja provida e capacitada pela graça, não há salvação.

Segundo, o universalismo distorce a justiça divina. Nos corações humanos, surge um senso de justiça ao perceber que todo mal, atrocidade, brutalidade e ação maligna da história precisam ser reparados, e que a impunidade é inaceitável. Se assassinos e suas vítimas, estupradores e suas vítimas, oprimidos e opressores tiverem o mesmo destino e recompensa eterna, qualquer noção de justiça desaparece. Se não houver justiça para os responsáveis pelo Holocausto, pela limpeza étnica, pelo preconceito que ceifa vidas e pela desigualdade social que gera inúmeros males, então este mundo seria o mais injusto possível e nada poderíamos fazer a respeito. No entanto, se como diz a Bíblia, Deus existe e Ele é justo (Gn 18:25; Lc 18:7), então nosso mundo não é absurdo, a história humana tem propósito, e a impunidade não prevalecerá.

Terceiro, o universalismo negligencia o desejo autodeterminante do próprio ser humano. Em outras palavras, não é que Deus rejeitou as pessoas, mas as pessoas o rejeitam, condenando-se a si mesmas, pois o desejo de Deus era salvá-las. Elas, no entanto, não quiseram aceitar essa oferta. No fim, “Deus apenas concede aos seres humanos aquilo que eles mais desejam, inclusive a liberdade em relação a Ele. O que poderia ser mais justo?”.²² As pessoas escolheram viver afastadas da existência de Deus, então, como Deus é eterno e não pode deixar de existir, Ele fará com que aqueles que não querem viver com Ele deixem de existir. Assim, os seres humanos escolhem a própria condenação. Deus lhes deu a chance, mas eles optaram por rejeitá-la.

Por fim, em quarto lugar, a própria noção de missão, evangelização ou mesmo o anúncio do evangelho soam completamente desnecessárias e mesmo tolas ou absurdas se todos forem salvos. A boa nova, como já explicitado, pressupõe uma condição da qual necessitamos ser salvos, nesse caso da situação do pecado e de sua justa consequência: o julgamento final, a condenação eterna. Não há por que

²²Keller (2015:102).

anunciar qualquer “salvação” se não há do que ser salvo, se não há qualquer risco ou perigo de condenação. Anunciar o evangelho para os não cristãos é igualmente uma mera tolice já que serão salvos quer creiam ou não em Cristo.

Concluimos, portanto, que o universalismo é exegética e hermeneuticamente infundado. Se o universalismo fosse ensinado pelas Escrituras, teríamos um tipo de colapso exegético da própria Bíblia, pois o que ela ensina sobre Deus, justiça, salvação, missão, liberdade humana, fé, juízo final etc., iria flagrantemente se autocontradizer de modo irreconciliável.

II. A APLICAÇÃO DA SALVAÇÃO

Até este ponto desta obra estudamos sobre as questões ligadas à natureza da salvação. A partir deste ponto, nosso foco estará sobre como a salvação se processa na vida de um indivíduo, já que, de modo simples, a salvação é a aplicação da obra de Cristo na vida do indivíduo. E como alguém se apropria da salvação? O estudo sobre a *ordo salutis* responde esta questão. A *ordo salutis* ou “ordem da salvação” descreve o processo pelo qual a obra da salvação, realizada em Cristo, é concretizada no coração e na vida dos que creem.

Não se trata de uma tarefa simples explicar este passo a passo da salvação. Nesta obra, para fins didáticos, organizamos as várias obras espirituais envolvidas na salvação de um indivíduo em etapas. Esforçamo-nos para organizar um esquema temporal, mostrando que a salvação envolve disposições ligadas a eternidade (eleição e predestinação), mas que, na história, possui um começo (chamado, conversão, regeneração, justificação e adoção), um desenvolvimento (santificação e perseverança) e uma consumação (a glorificação).

2.1 Os antecedentes da salvação: a eleição e a predestinação

A Escritura Sagrada fala de eleição e predestinação. Nelas, os cristãos são chamados de eleitos: *Por isso, tudo suporto por causa dos eleitos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus, com glória eterna* (2 Tm 2:10). Paulo, o apóstolo, diz ter sido chamado para despertar a fé dos eleitos: *Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo para levar os eleitos de Deus à fé e ao conhecimento da verdade que conduz à piedade* (Tt 1:1). Além disso, noutros trechos lemos sobre eleição: *Ele nos escolheu em Cristo antes de criar o mundo* (Ef 1:4); ... *desde o início, Deus os escolheu para serem salvos pelo Espírito que santifica e pela fé na verdade* (2 Ts 2:13).

Em relação a predestinação, lemos em Romanos: *Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, também chamou* (Rm 8:29-30). Nesta mesma direção, a carta aos Efésios traz: *Em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade* (Ef 1:5); *Nele fomos também escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade, a fim de que nós, os que primeiro esperamos em Cristo, sejamos para o louvor da sua glória* (Ef 1:11-12).

Estes são apenas alguns dos textos bíblicos sobre eleição e predestinação. Estes são temas reais. E como podemos, então, definir eleição e predestinação, visto serem estes temas bíblicos? Esta é a proposta deste tópico. Contudo, deve-se afirmar

que estamos diante de um assunto complexo e que já tem consumido a energia de muitos cristãos piedosos ao longo dos anos. Por isso, antes de apontarmos os caminhos que esta obra julga serem os caminhos bíblicos, vejamos o que dizem as duas correntes principais e antagônicas no que diz respeito a esta discussão: o calvinismo e o arminianismo. Em alguma medida, todos os teólogos protestantes e reformados, foram influenciados por estes pontos de vista, e por isso, faz-se necessário conhecê-los. Logo depois de os apresentarmos, faremos uma análise bíblica apontando caminhos, mas reconhecendo humildemente que estamos diante de um mistério da infinita sabedoria divina.

2.1.1 O ponto de vista Calvinista

João Calvino (1509-1564) nasceu em Noyon, na Picardia, no norte da França. Sua principal obra foi *As Institutas da Religião Cristã*, finalizada em Basiléia, Suíça, no ano de 1536, quando ele contava com apenas 26 anos. Neste mesmo ano foi ordenado ministro em Genebra, cidade onde fundou uma universidade, na qual foram estudar candidatos ao ministério. Foi um dos mais importantes reformadores, que buscou sistematizar a teologia reformada. Ele acreditava que a eleição é incondicional. Seus seguidores formularam aquilo que é hoje conhecido como *Os Cinco Pontos do Calvinismo*, que resumem o ponto de vista do reformador francês. Estes cinco pontos são geralmente conhecidos pelo acróstico TULIP:

T	Total Depravity	Depravação Total
U	Unconditional Election	Eleição Incondicional
L	Limited Atonement	Expição Limitada
I	Irresistible Grace	Graça Irresistível
P	Perseverance of Saints	Perseverança dos Santos

a) Depravação total

O calvinismo acredita que o homem não regenerado é absolutamente escravo de Satanás, e, por isso, é totalmente incapaz de exercer sua própria vontade livre (para salvar-se), dependendo, portanto, da obra de Deus, que deve vivificar o homem, antes que este possa crer em Cristo. Para o calvinismo, o pecador é incapaz de responder qualquer oferta de graça por conta desta condição e, por isso, Deus precisa selecionar alguns indivíduos para a salvação.²³

b) Eleição incondicional

A incapacidade humana para a salvação, apresentada anteriormente, é uma das bases para a eleição incondicional defendida no calvinismo. A eleição resulta, neste sistema, da livre vontade do criador à parte de qualquer obra de fé do homem espiritualmente morto. Sobre isso, um conhecido calvinista, R. C. Sproul, comenta: “Desde toda a eternidade, sem nenhuma visão prévia de nosso comportamento humano, Deus escolheu uns para a eleição e outros para a reprovação”.²⁴

Como Deus é soberano e pode fazer o que desejar, sem ser questionado, ele decidiu salvar alguns e rejeitar a outros de maneira unilateral. Deste modo, os calvinistas consideram a eleição como incondicional e depende da predestinação, que para Calvino é o decreto eterno de Deus pelo qual ele determinou para si mesmo o

²³ Erickson (215:889).

²⁴ Olson (2103b:71).

que cada indivíduo da humanidade teria de ser, postos que nem todos são criados com destino semelhante, vida para uns e condenação eterna para outros.²⁵

À luz desta fala de Calvino, a predestinação pode ser definida como dupla: “vida para uns e condenação eterna para outros”. Deus preordenou uns para a salvação, e preordenou outros para a perdição. São dois decretos, um para vida e outro para morte, por isso o nome “dupla” predestinação. O Cap. 3 da *Confissão de Fé de Westminster*, traz de modo claro em seu item III, uma afirmação sobre a dupla predestinação: “Pelo decreto de Deus e para manifestação da sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna e outros preordenados para a morte eterna”.²⁶

É importante ressaltar aqui que, apesar de Calvino defender a dupla predestinação (para vida e para a morte), alguns calvinistas não sustentam esta ideia: creem que ele escolheu os que receberão a vida eterna e passa ao largo dos outros, deixando-os nos pecados que eles mesmos escolheram.²⁷ A diferença básica desta concepção é que a perdição dos não eleitos não dependeu de uma decisão ativa de Deus, mas da escolha deles próprios pelo pecado.

c) Expição limitada

A obra redentora de Cristo visou salvar somente os eleitos e, de fato, assegurou a salvação somente destes. Além de tirar os pecados do seu povo, a redenção de Cristo assegurou tudo o que era necessário para a salvação, inclusive a fé. Daí, a morte de Cristo não foi um “fracasso parcial”, na visão calvinista, uma vez que os que têm volição negativa, isto é, os que não a querem aceitar, irão para morte eterna. Cristo “morreu apenas por alguns – os que ele veio salvar. Quem seriam estas pessoas? Os eleitos incondicionalmente por Deus”.²⁸

d) Graça Irresistível

Os calvinistas acreditam que a graça de Deus não pode ser obstruída, visto que sua graça é irresistível. Além do chamado externo àqueles que ouvem a salvação, o Espírito Santo dirige aos eleitos um chamado interno especial que os leva inevitavelmente a salvação. O chamado externo (feito a todos) pode ser rejeitado, agora o chamado interno ou especial (feito somente aos eleitos) não pode ser rejeitado. O chamado especial significa que Deus atua de maneira particularmente eficaz nos eleitos, capacitando-os a responder com arrependimento e fé e tornando certo e seguro de que o farão.²⁹

e) Perseverança dos santos

Por fim, uma vez salvo, sempre salvo. Todos os que são escolhidos por Deus, redimidos por Cristo e recebem fé por meio do Espírito estão eternamente salvos. Eles são mantidos na fé pelo poder de Deus, e assim perseveram até o fim. Como a eleição é incondicional e fruto de um decreto unilateral da parte de Deus, não existe a mínima chance de alguém que foi eleito se perder. A posição calvinista é clara e direta nesta questão: “Os que Deus aceitou em seu Amado, chamou eficazmente e santificou pelo seu Espírito, não podem cair do estado de graça de forma total e nem

²⁵ (Calvino, Institutas da Religião Cristã, III, Cap. 21).

²⁶ Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/cfw.htm> > Acesso em 07/08/2015.

²⁷ Erickson (1997:385).

²⁸ Olson (2013b:214).

²⁹ Erickson (2015:902).

final; mas com toda certeza perseverarão neste estado até o fim e serão eternamente salvos”.³⁰

Dentro do sistema calvinista podemos resumir a eleição nos seguintes pontos:

- 1) Ela é resultante da predestinação (ou da dupla predestinação, no caso de Calvino): os eleitos são aqueles que Deus predestinou para a vida;
- 2) A eleição é incondicional. Ele não se baseia na previsão de que a pessoa crerá, mas é fruto de uma decisão unilateral da parte de Deus.
- 3) A eleição é a causa da fé e não o seu resultado;
- 4) A eleição é eterna. Não se trata de uma decisão tomada em algum ponto do tempo, mas é desde a eternidade;
- 5) A eleição é imutável. Todos os eleitos, com certeza, serão salvos.

2.1.2 O ponto de vista arminiano

Arminianismo é o nome que se dá para a teologia dos seguidores de Jacob Harmensz (1560-1609), teólogo reformado holandês.³¹ “Armínio” ou *Arminius*, como é popularmente conhecido, é uma forma latinizada do seu nome “Harmensz”.³² Apesar de ser um teólogo reformado, Armínio discordou de alguns pontos da teologia reformada, dentre estes, principalmente em relação a predestinação e eleição. Ele discordou da doutrina calvinista sobre o decreto de certas pessoas para vida eterna e de outras para a destruição eterna.

Armínio não ficou sozinho nesta sua discordância. Muitos o seguiram. Seus discípulos são chamados de *arminianos* ou *remonstrantes* (do latim: *objetantes*). Eles receberam o nome de “remonstrantes” em virtude da exposição teológica apresentada por eles, conhecida como “Remonstrância”, que resumiu em poucos pontos essenciais o que Armínio e eles acreditavam acerca da salvação.³³ É importante dizer que todos eles estão inseridos entre o amplo entendimento da tradição reformada, afinal, os pontos comuns deste ponto de vista com ela são significantes. Armínio foi um teólogo reformado, devoto e leal aos símbolos de sua Igreja: o Catecismo de Heidelberg e a Confissão de Fé Belga. Ele reafirmou em numerosas oportunidades sua lealdade a estes documentos.³⁴

Entre aqueles que decidiram seguir os pensamentos de Armínio, estava Simão Episcópio (1583-1643), que se tornou conhecido líder dos arminianos. Outro líder importante foi Hugo Grócio, estadista e cientista político influente da Europa (1583-1645), que foi preso pelo governo holandês depois do Sínodo de Dort (que rejeitou e condenou o posicionamento dos seguidores de Armínio). João Wesley (1703-1791) foi outro arminiano importante e que fez questão de se intitular assim. Em 1770 ele escreveu um tratado intitulado “O que é um arminiano?”, depois de uma série de controvérsias com ministros calvinistas. Wesley diferiu de Armínio em alguns pontos, mas concordava na maioria deles.

Vamos conhecer, então, em síntese, os principais pontos do arminianismo. O documento que melhor sintetiza o arminianismo e o próprio pensamento arminiano é a “Remonstrância”, preparada por 43 ministros e teólogos reformados holandeses,

³⁰ Erickson (2015:957).

³¹ Geisler (2005:117).

³² Olson (2013:18).

³³ Olson (2013:30).

³⁴ Pinson (In) Pinnock; Wagner (2016:254).

depois da morte de Armínio em 1609. A Remonstrância, em alguma medida, pode ser considerada o documento “cerne” da doutrina arminiana. Os cinco pontos principais da remonstrância ou arminianismo podem ser descritos através do acrônimo FACTS:³⁵

F	Freed by grace (to believe)	Feito livre pela graça (para crer)
A	Atonement for all	A todos expiação
C	Conditional election	Condicional eleição
T	Total Depravity	Total Depravação
S	Security in Christ	Segurança em Cristo

Para fins desta obra, não apresentaremos os pontos do acrônimo na ordem que eles aparecem. Para deixarmos claras as diferenças com o calvinismo, seguiremos a mesma ordem do acrônimo calvinista.

a) A depravação total

A Remonstrância dizia que o homem não pode obter a fé salvadora por si mesmo ou pela força do seu livre-arbítrio, mas necessita da graça de Deus por meio de Cristo para ter sua vontade e seu pensamento renovados (Jo 15:5).³⁶ Ou seja, em seu estado original o homem é herdeiro da natureza pecaminosa de Adão e totalmente incapaz, até mesmo, de desejar se aproximar de Deus. Em virtude do pecado herdado, todo ser humano é impotente para o bem. Noutras palavras: ele é totalmente depravado. Armínio acreditava em depravação total.

É importante dizer que o “total” deste termo teológico refere-se à extensão da queda do ser humano. Todos os aspectos da natureza humana foram afetados. Os seus corpos, mente, coração e vontade estão sob o domínio do pecado. Então, essa incapacidade humana de fazer o bem para agradar a Deus, é chamada de depravação total. A única maneira do ser humano superar a depravação é através de uma ação do próprio Deus para despertá-lo, que no arminianismo é chamada de graça preveniente.

A graça preveniente é simplesmente a “graça convincente, convidativa, iluminadora e capacitadora, que antecede a conversão e torna o arrependimento e a fé possíveis”.³⁷ Ela vem através da exposição da Palavra. Neste ponto, Jonh Wesley diverge dos arminianos clássicos, pois para ele a graça preveniente está disponível a todos, em alguma medida, pela morte de Cristo (Jo 12:32). Uma ressalva necessária é que, dentro do arminianismo, a graça preveniente não salva. Ser exposto a graça não significa que a pessoa será salva. Para ser salvo a pessoa precisa da fé. Como se verá em outro ponto, a graça não é irresistível.

b) Eleição condicional

O arminianismo ensina que a eleição está baseada no pré-conhecimento de Deus em relação àquele que deve crer. Noutras palavras, Deus sabia mesmo antes da fundação do mundo, quem seriam as pessoas que iriam crer em seu Filho. Com base neste seu conhecimento prévio, Deus decidiu ou decretou eleger estas pessoas. No resumo da *Remonstrância*, preparado por Harrison, neste ponto se diz:

³⁵ Mariano (2015:21).

³⁶ Ibid.

³⁷ Idem, p. 45.

“Deus, por um decreto eterno e imutável em Cristo antes que o mundo existisse, determinou eleger, dentre a raça caída e pecadora, para a vida eterna, aqueles que, através de sua graça, creem em Jesus Cristo e perseveram na fé e obediência; e que, opostamente, resolveu rejeitar os inconversos e os descrentes para a condenação eterna (Jo 3:16)”.³⁸

Armínio escreveu em sua *Declaração de Sentimentos* que Deus, incondicionalmente, decretou salvar e condenar certas pessoas particulares, de acordo com a sua presciência, através da qual Deus sabe desde toda a eternidade as pessoas que através de todos os meios estabelecidos de sua graça preveniente teriam fé e creriam. Na presciência divina, Deus sabia os que acreditariam e perseverariam.³⁹ Desta forma, ele ensinou uma eleição individual condicional e uma reprovação individual condicional. Os indivíduos que Deus conheceu de antemão como crentes, ele os elegeu.

Em sua carta endereçada a Hipólito, Armínio definiu predestinação da seguinte forma: “É um decreto eterno e misericordioso de Deus em Cristo, pelo qual ele decide justificar e adotar fiéis, e conceder-lhes vida eterna, mas condenar os infiéis e as pessoas impenitentes”.⁴⁰ Observe que não é muito fácil distinguir eleição e predestinação em Armínio. Os termos são muito próximos um do outro.

Wiley e Culbertson, teólogos arminianos, definem predestinação de modo um pouco mais abrangente, como o propósito gracioso de Deus de salvar a humanidade (Ef 1:5). Não “é um ato arbitrário e nem discriminatório de Deus para garantir a salvação a um número especial de pessoas e a ninguém mais. Inclui provisionalmente todos os homens e está condicionado somente pela fé em Cristo” (Jo 3:16).⁴¹ A predestinação seria o plano de prover salvação para todos os homens e efetivá-la na vida dos crentes, enquanto que a eleição é a escolha das pessoas que cumprem a condição de crer em Cristo.⁴²

c) Expição ilimitada

O arminianismo acredita que Deus ama a todos, que Cristo morreu por todos e que o Pai não quer que ninguém se perca. Para este sistema de pensamento, a expiação é geral. Em outras palavras: a obra redentora de Cristo possibilitou salvação a todos, mas só se torna eficaz na vida dos que creem. A Remonstrância diz:

“Cristo, o Salvador do mundo, morreu por todos e cada um dos homens, de modo que Ele obteve, pela morte na cruz, reconciliação e perdão pelo pecado, para todos os homens; de tal maneira, porém, que ninguém, senão os fiéis, de fato, desfrutam destas bênçãos (Jo 3:16; 1 Jo 2:2)”.⁴³

A expiação ilimitada é, portanto, a ideia bíblica de que Jesus morreu por todos os homens sem exceção alguma. Para os arminianos esta doutrina é sólida e muito difícil de ser refutada, pois não existe um único versículo na Bíblia que diga de maneira clara e inequivocadamente que Jesus Cristo não tenha morrido por alguém. Segundo defendem, a Bíblia é clara ao mostrar que o sacrifício de Cristo na cruz é por todos os seres humanos (Jo 3:16; Rm 5:15-19; Jo 1:29; 1 Tm 2:1-6; Tt 2:9 etc.).

³⁸Apud Olson (2013:41).

³⁹ Pinson (In) Pinnock; Wagner (2016:259).

⁴⁰ Apud Titillo (2015:15).

⁴¹ Wiley; Culbertson (2009:268).

⁴² Titillo (2015:16).

⁴³ Ibid.

d) Graça resistível

Ninguém pode crer e nem perseverar na fé sem a graça providente e cooperante de Cristo. O arminianismo crê que uma vez que Deus quer que todos os homens sejam salvos, ele envia o Espírito Santo para atrair todos os homens a Cristo, por meio da pregação do Evangelho. Ele faz tudo o que pode para que o pecador chegue à salvação, mas como este é livre, pode resistir com êxito à chamada do Espírito (At 7:51). Então, para o arminianismo a graça é resistível.

e) A perseverança dos santos

Olson, citando o quinto ponto da Remonstrância, diz que os verdadeiros crentes têm força suficiente, por meio da graça divina, para lutar contra Satanás, contra o pecado e contra sua própria carne, e para vencê-los. Mas, se eles, em razão da negligência, podem ou não apostatar da fé verdadeira e vir a perder a alegria de uma boa consciência, caindo da graça, é uma questão que precisa ser mais bem examinada à luz das Sagradas Escrituras.⁴⁴ Observe que esta é uma questão que ficou indefinida, segundo os arminianos de coração. E qual a razão? A crença de que o próprio Armínio nunca chegou a uma conclusão neste assunto, o que é contestado por estudiosos da teologia da Armínio como Keith Stanglin e Thomas McCall. Para eles, Armínio defendeu sim que um cristão pode apostatar-se.⁴⁵ É digno de nota, ainda, que Armínio fazia distinção entre cristão verdadeiro e eleito. Um cristão verdadeiro pode apostatar, mas o cristão eleito é aquela pessoa em seu estágio final de perseverança.⁴⁶

De modo geral, estas são as crenças do arminianismo sobre a salvação. Todavia, vale ressaltarmos que, mesmo tendo muitos seguidores que defenderam com clareza aquilo que Armínio defendeu, a exemplo do que ocorre com outras correntes teológicas, as crenças arminianas não são homogêneas. Existem diferentes grupos que se intitulam como arminianos, mas que possuem discordâncias no seu modo de explicar a salvação. Philip Limborch, por exemplo, outro líder remonstrante posterior (1633-1712) levou o arminianismo para perto do semi-pelagianismo⁴⁷ e do liberalismo.⁴⁸

As ideias originalmente desenvolvidas por Armínio foram sistematizadas e desenvolvidas por inúmeros sucessores e profundamente alteradas por outros. Por isso, precisamos fazer uma distinção entre os "arminianos do coração" e os "arminianos da cabeça". Allan Seel foi o teólogo reformado que, pela primeira vez, propôs esta diferenciação.⁴⁹ São classificados como "arminianos de coração" os teólogos que continuaram a trilhar os mesmos passos de Armínio, ou seja, sua teologia é perfeitamente compatível com as ideias por ele defendidas.

São considerados "arminianos de cabeça" os que abandonaram alguns dos princípios basilares da teologia arminiana clássica, tal como a crença na depravação total. Limborch, citado anteriormente, é um dos responsáveis pelo surgimento desta corrente. Ele afirmou que a queda da humanidade não resultou em escravidão da

⁴⁴ Olson (2013:41).

⁴⁵ Mariano (2015:56).

⁴⁶ Mariano (2015:50-51).

⁴⁷ Corrente que ensina que a humanidade é manchada pelo pecado, mas não ao extremo de não poder cooperar com a graça de Deus, para a salvação. As pessoas são capazes de exercer boa vontade para com Deus, independentemente de qualquer infusão da graça de Deus. Essa crença é, em essência, depravação parcial, ao invés de depravação total.

⁴⁸ Olson (2013:30).

⁴⁹ Idem, p. 23.

vontade e nem em depravação total, mas numa miséria universal que inclina as pessoas para atos pecaminosos.⁵⁰ Os seres humanos não nascem corruptos ou culpados, mas inevitavelmente pecarão por causa da rede de pecados que envolve a raça humana. Neste sentido a depravação é parcial. A queda o deixou muito doente, mas não incapaz.

Charles Finney (1792-1875), famoso avivalista do século XIX, também é um representante desta corrente. Ele negava o pecado original, exceto como uma infelicidade que veio sobre a maioria dos seres humanos e que é passado adiante por meio de maus exemplos. Finney vulgarizou a teologia arminiana.⁵¹ Enfim, o arminianismo de cabeça possui uma ênfase no livre-arbítrio. Sua marca “característica é uma antropologia otimista que nega a depravação total e a absoluta necessidade de graça sobrenatural para a salvação. (...) é pelagiano ou no mínimo semi-pelagiano”.⁵² Obviamente, constitui-se uma distorção de algumas premissas básicas do arminianismo original, chamado de “coração”.

Pois bem, podemos resumir a doutrina da eleição no sistema arminiano clássico, ou de coração, nos seguintes pontos:

- 1) A eleição é condicional, baseada no prévio conhecimento de Deus;
- 2) A eleição é resultado da fé e não a sua causa;
- 3) A eleição é individual. Apesar de alguns arminianos posteriores defenderem a eleição corporativa, Armínio defendeu a eleição individual;
- 4) A eleição é eterna. Não se trata de uma decisão tomada em algum ponto do tempo, mas é desde a eternidade. Na eternidade Deus decretou salvar os que creem;
- 5) A eleição é imutável. Todos os eleitos, com certeza, serão salvos. A eleição para a salvação compreende, em seus limites, não apenas a fé, mas, igualmente, a perseverança na fé.

2.1.3 O que diz a Bíblia?

A eleição diz respeito a escolha que Deus faz para a salvação. Temos na língua original o termo grego ἐκλέγομαι (*eklegomai*) que significa “escolher” ou “eleger”. Para se compreender corretamente a eleição, é necessário lembrar, antes de tudo, que Deus tomou a iniciativa quanto ao propósito de salvar o ser humano, e isso antes mesmo da fundação do mundo (Ef 1:4; Rm 8:28; 2 Ts 2:13). Através de sua presciência, Deus tinha plena consciência de que o homem iria cair em pecado e se arruinar completamente, antes mesmo de criá-lo. Mesmo assim, Ele o criou para sua glória (Is 43:7; Ef 1:11-12) e decidiu redimi-lo dos efeitos do pecado por meio da obra de Cristo. A Bíblia é muito clara em dizer que esta oferta de salvação está disponível a todas as pessoas (2 Co 5:14-15, 18-19; 1 Tm 2:3-6, 1:15-16, 4:10; Tt 2:11; 2 Pd 3:9; 1 Jo 2:2), apesar de nem todas aceitarem.

Paulo escreveu: *Se trabalhamos e lutamos é porque temos colocado a nossa esperança no Deus vivo, o Salvador de todos os homens, especialmente dos que creem* (1 Tm 4:10). Jesus é o salvador de todos ao oferecer uma expiação universal, e ao mesmo tempo, e especialmente, dos cristãos, como aqueles a quem a provisão é aplicada. A intenção de Deus foi prover a expiação para toda a humanidade e aplicá-

⁵⁰ Olson (2013:190).

⁵¹ Idem, p. 35.

⁵² Idem, p. 23.

la salvificamente àqueles que aceitarem pela fé tal provisão (1 Jo 2:2; Rm 5:12-19; 2 Co 5:14-21). Os eleitos são aqueles que Deus decidiu salvar por aceitarem pela fé a salvação em Cristo Jesus, decisão que só pode ser tomada com a ajuda do Espírito Santo, conforme se verá em outros tópicos desta obra.

Biblicamente é estranho pensar em Deus elegendo alguns para salvação e outros para perdição, de maneira unilateral. Existem textos que mostram que a vontade de Deus é que todas as pessoas sejam salvas (cf. 1 Tm 2:3-4; 2 Pd 3:9). Se a vontade de Deus é que todos sejam salvos e é ele quem predestina de maneira unilateral, então, não seria lógico concluir que todos seriam salvos? E os diversos convites universais à salvação presentes na Bíblia? O conjunto total dos textos bíblicos favorece a ideia de uma eleição condicional.

Quando a Bíblia fala em eleição, isto é, da escolha de Deus para a salvação, temos de entender que se refere ao prévio conhecimento daqueles que aceitariam a oferta de salvação de Deus. Thiessen a definiu como “aquele ato soberano de Deus, em graça, pelo qual ele escolheu em Jesus Cristo para a salvação todo aqueles que de antemão sabia que o aceitariam”.⁵³ Tais pessoas, à luz da Escritura, foram eleitas antes da fundação do mundo. Deus as conheceu, pensou nelas, criou o plano para que elas fossem alcançadas e atraídas (cf. Jo 6:44, 15:16; At 13:48; 1 Tm 1:15-16).

Em 1 Pe 1:2 temos essa doutrina explicada de modo mais claro. O texto diz: *eleitos, segundo a presciência de Deus Pai*. Então, a eleição é baseada na presciência ou prévio conhecimento de Deus. Os textos que falam sobre “eleição” devem ser lidos em correlação com 1 Pe 1:2. A presciência é um aspecto da onisciência divina. Deus conhece fatos do tempo da história que ainda não tiveram lugar no tempo e na história. Dizer que “Deus tem presciência significa que Ele tem conhecimento real ou cognição de algo antes de que de fato aconteça ou exista na história”.⁵⁴

Deus “tem a capacidade de conhecer perfeitamente bem todas as coisas antes mesmo que elas se tornem realidade no tempo e na história. O futuro para Deus é presente”.⁵⁵ Ele *chama à existência coisas que não existem, como se existissem* (Rm 4:17). Deus criou o tempo e transcende o tempo. Assim, Deus não precisa esperar que os pecadores se arrependam e creiam em Cristo para, somente depois escolhê-los. Ele pode decidir eleger seu povo apenas com base no prévio conhecimento de que isso irá acontecer, porque para Deus tudo acontece num “eterno agora”.⁵⁶

Deus conheceu todas as pessoas antecipadamente. Conheceu as condições de vida, as circunstâncias históricas e as decisões de cada uma. Com este conhecimento pleno antecipado, ele “então, elegeu para a salvação”.⁵⁷ A eleição precisa ser vista neste contexto da presciência divina. Os eleitos são, portanto, aqueles indivíduos que *desde o princípio Deus escolheu para serem salvos mediante a obra santificadora do Espírito e a fé na verdade* (2 Ts 2:13).

A condição para fazer parte do povo eleito é estar “em Cristo”: Aos efésios Paulo escreveu: *Mesmo antes de criar o mundo, Deus nos amou e nos escolheu em Cristo para sermos santos e sem culpa diante dele* (Ef 1:4 - NVT); outra versão diz: *nos elegeu nele antes da fundação do mundo* (ARC). Os eleitos são aqueles que estão “em Cristo”, isto é, são aquelas pessoas que entraram num relacionamento com Cristo e participam de todos os benefícios de sua obra redentora. A expressão “em

⁵³ Thiessen (1987:246).

⁵⁴ Pinnock; Wagner (2016:141).

⁵⁵ Severa (2014:213).

⁵⁶ Titillo (2015:57).

⁵⁷ Severa (2014:213).

Cristo” aparece mais de 100 vezes no Novo Testamento. E como uma pessoa entra nesta união e pode estar “em Cristo”? Por meio da fé (Gl 3:26; Ef 3:17; Cl 2:12). A condição *sine qua non* para a eleição é a fé em Cristo: ... **agradou a Deus salvar aqueles que creem** (1 Co 1:21 – grifo nosso). Os eleitos estão “em Cristo antes da fundação do mundo não em realidade, mas na presciência de Deus”.⁵⁸

Além de condicional, trata-se de uma *eleição individual*. A Bíblia também fala de uma eleição corporativa de Israel (Dt 7:6-8; Gn 12:1-3) e da própria igreja (1 Pd 2:9-10), contudo, não há como negar uma eleição de indivíduos, conforme temos apresentado nesta obra. Alguns textos bíblicos são bem claros neste sentido: Rm 16:13; 2 Ts 2:13; Ap 17:8; Lc 10:20. Estar “em Cristo” é a condição para fazer parte deste povo eleito (Ef 1:4). Estes indivíduos formam o povo de Deus.

A esta altura, duas objeções que às vezes são feitas a esta doutrina precisam ser colocadas. Em primeiro lugar, alguns⁵⁹ dizem que esta doutrina viola a soberania de Deus, pois, de algum modo, a decisão de Deus depende da decisão do homem e jamais Deus está condicionado ao homem. Contudo, esta doutrina não viola a soberania de Deus por uma questão muito simples: foi ele próprio quem determinou que as coisas fossem assim. Não se trata de uma necessidade exterior imposta a Deus. Ele não foi forçado a tal arranjo. Quando “Deus estabeleceu o sistema da eleição condicional, foi Deus somente que soberanamente impôs as condições”.⁶⁰ Samuel Firk enfatiza que a decisão livre e voluntária de Deus para permitir ao homem certa medida de autodermintação é “algo que somente um Deus grande e onipotente faria”.⁶¹ Então, trata-se de uma objeção infundada.

Nesta mesma linha, Thiessen afirma que a eleição condicional é um ato soberano de Deus. Ele não tinha obrigação nenhuma de eleger ninguém, já que todos tinham perdido a sua posição. Eleição é um ato soberano pois não resultou de nenhuma pressão feita sobre Deus.⁶²

Em segundo lugar, alguns (como Agostinho e Calvino), rejeitam a eleição condicional como inconsistente com a graça de Deus, implicando justificação pelas obras. No entanto, o argumento é falho, uma vez que o homem não pode realizar tais coisas sem o auxílio e capacitação de Deus. A mesma Bíblia que ensina a eleição condicional ensina sobre a miserabilidade do ser humano ou sua depravação total. Nenhum ser humano por si só teria fé não fosse o Espírito Santo iluminando sua mente (Jo 16:8-11 cf. também Gn 6:5; Rm 3:10-12; Jr 17:9; Ef 2:1). É a iluminação do Espírito que lhe dá condições de reconhecer seu estado de perdição, abandonar seu estado de rebelião contra Deus, e receber a Cristo como seu Senhor. O ser humano que toma esta decisão está simplesmente está permitindo que a graça de Deus faça a sua obra ao renunciar todas as tentativas de autojustificação e autopurificação e admitindo que somente Cristo pode salvar.

Deus não toma esta decisão pelo ser humano. É uma decisão que deve vir dele, mediante a ação do Espírito, diante da pregação da palavra. Deus trabalha no homem e não pelo homem. A mente, as emoções, a vontade e a consciência do ser humano são trabalhadas (e não anuladas) por Deus. Ele opera no indivíduo, através do Espírito Santo e da palavra, e capacita a pessoa a compreender e aceitar, ele mesmo, e com vontade própria, a oferta de Deus (Mt 11:20-30; Lc 9:23; Ap 22:17).⁶³

⁵⁸ Pinnock; Wagner (2016:145).

⁵⁹ Como, por exemplo, Roger Nicole e Berkouwer (citados por Pinnock e Wagner, 2016, p. 149).

⁶⁰ Pinnock; Wagner (2016:150).

⁶¹ *Apud* Pinnock; Wagner (2016:150).

⁶² Thiessen (1987:246).

⁶³ Severa (2014:214).

Tudo isso acontece por graça. Thiessen, inclusive, defende que a eleição condicional é graciosa porque Deus decidiu escolher aqueles que eram completamente indignos da salvação.⁶⁴

2.1.4 A relação entre eleição e predestinação

Segundo acabou-se de estudar, a eleição está relacionada a escolha de Deus de certos indivíduos, antes da fundação do mundo, para a salvação. A questão que se apresenta agora é a seguinte: como a predestinação se relaciona com a doutrina da eleição? Estes termos são sinônimos ou distintos? Na literatura disponível, às vezes se tem a impressão de que os autores os tratam como termos sinônimos, outras vezes como termos distintos.

Embora as doutrinas da eleição e predestinação estejam intimamente relacionadas, biblicamente, parece haver uma distinção entre elas. O verbo predestinar, no grego *proorizo* (Gr. προορίζω – demarcar antes, fixar antes, ou estabelecer antes) ocorre seis vezes no Novo Testamento (cf. At 4:28; Rm 8:29, 30; 1 Co 2:7; Ef 1:4, 11). Podemos dizer, de maneira simples, que predestinar é determinar ou preordenar previamente algo que acontecerá.

Duas entre as seis ocorrências da palavra no Novo Testamento, referem-se diretamente a morte de Cristo e ao seu significado. O plano de Deus através de Cristo foi predestinado por Deus, assim como os seus significados (cf. At 4:28; 1 Co 2:7). O que aconteceu na cruz, para a salvação dos seres humanos, não estava fugindo do controle de Deus. Tudo estava planejado e determinado por Deus na eternidade. Isto, é claro, não significa dizer que as pessoas envolvidas neste evento não tiveram escolha, como que se estivessem presas de modo passivo a um determinismo absoluto ou a um futuro implacável, tendo suas vontades violentadas. A predestinação, na Bíblia, assim como a eleição, está ligada à presciência. Deus é um ser pessoal, que se relaciona com as suas criaturas. Ele traçou planos na eternidade levando em conta a responsabilidade moral destas, e suas decisões.

As outras quatro ocorrências da palavra predestinação referem-se diretamente aos seres humanos e ao processo da salvação (Rm 8:29, 30; Ef 1:4, 11). A impressão que se tem, lendo os textos, é que a palavra diz respeito ao destino planejado por Deus para os eleitos. Biblicamente, a predestinação está limitada ao povo eleito.⁶⁵ A eleição é Deus escolhendo um povo, e a predestinação diz respeito ao que Deus planejou, antecipadamente, para o povo que ele escolheu: o que eles devem ser e como devem viver. Sendo assim, a predestinação não diz respeito a quem vai ou não ser salvo, mas ao que Deus planejou para os que ele sabia de antemão que seriam salvos (os eleitos).

A eleição é a escolha graciosa feita por Deus daqueles que estão em Cristo para formarem seu povo e a predestinação o propósito determinado por Deus, desde a eternidade, para este povo.⁶⁶ Para ilustrar este ensino, imagine os habitantes de determinada cidade recebendo o convite para um pacote de viagens gratuito de dez dias com todo o itinerário traçado, para determinado lugar, um ano antes de a viagem acontecer. Imagine que estes habitantes foram informados de que todos os que desejassem participar da tal viagem deveriam procurar uma pessoa específica e para confirmarem a presença. Neste exemplo, os habitantes da cidade que se decidissem

⁶⁴ Thiessen (1987:246).

⁶⁵ Ryrie (2004:362).

⁶⁶ Titillo (2015:24).

pela viagem e confirmaram a sua presença, são os que chamamos de “eleitos”. O itinerário da viagem, com todos os locais visitados, e o destino final da viagem é o que chamamos de “predestinação”. Deus planejou como seria a viagem dos eleitos. Analisemos estes conceitos nos dois textos bíblicos já mencionados.

No primeiro dos textos bíblicos mencionados, sobre predestinação, lemos o seguinte: *Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos* (Rm 8:29 – NVI, grifo nosso). A expressão “que de antemão conheceu” é a tradução do verbo grego *proginosko* (Gr. προγινωσκω). Neste texto de Romanos, o verbo em questão está num tempo grego chamado “aoristo”. Nós não temos este tempo no português. O aoristo considera a ação do verbo como um ponto, por isso ela é chamada de pontilear. No texto em questão ela traduz o conceito de que Deus conheceu previamente, na eternidade, o momento exato da conversão de cada pecador no devido tempo.

No último tópico do nosso estudo, defendemos que a presciência é a base da eleição (1 Pd 1:2). Deus conhece de antemão o exercício da fé que traz salvação. A presciência é um aspecto da onisciência, envolve a graça, mas não impede a vontade humana. Na eternidade ele viu o momento da decisão de cada indivíduo e o elegeu. E o que ele reservou para estes que ele conheceu? É que temos na sequência do texto de Romanos: *também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho* (grifo nosso). Presciência é relacionada ao fato de Deus ver pessoas e elegê-las, já predestinação é o que Deus reservou para os sujeitos da presciência. Neste caso, ele os predestinou para serem conforme a imagem do seu Filho (Rm 8:29). Deus quer que todos os eleitos se pareçam com Cristo e os designou para este fim! Isso acontecerá: *E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou* (Rm 8:29-30). Os que foram predestinados para serem conforme Jesus (isto é, os eleitos), serão glorificados (na glorificação seremos semelhantes a ele, 1 Jo 3:2). No presente, Deus já trabalha na vida dos salvos para que eles sejam cada dia mais parecidos com Jesus (Cl 3:9-10).

No segundo dos textos bíblicos mencionados, sobre predestinação, esta, também está ligada com a eleição: *... nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor, e nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo* (Ef 1:4-5 – grifo nosso). À luz deste texto de Efésios, pode-se afirmar que Deus, na eternidade, decidiu que os eleitos, isto é, os que criam (Ef 1:18), seriam seus filhos. Novamente, os eleitos são os objetos da predestinação. O “destino de antemão” preparado por Deus é para o grupo dos eleitos. Além da filiação, Ef 1:11-12 afirmam que, *fomos feitos herança, havendo sido predestinados conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que primeiro esperamos em Cristo* (grifo nosso). Os eleitos também foram predestinados para viverem para a glória de Deus.

Por fim, à luz de tudo o que foi apresentado, pode-se afirmar que a eleição tem a ver com a escolha de Deus de indivíduos para a salvação. Esta escolha aconteceu antes da fundação do mundo, e tem como base a presciência de Deus. Para os eleitos, isto é, os que na eternidade Deus já sabia que aceitariam a sua oferta de salvação, um plano prévio fora determinado. Isto é o que chamamos de predestinação. Que plano é esse? Deus quer que eles sejam iguais a Cristo (Rm 8:29), seus filhos (Ef 1:5), para o louvor de sua glória (Ef 1:11). Neste sentido, a predestinação é uma consequência da eleição. Todos os eleitos experimentarão as bênçãos do destino prévio estabelecido por Deus. E como todas estas bênçãos

começam a se efetivar na vida dos seres humanos? O que vem depois da eleição e predestinação? Este é o assunto do próximo tópico.

2.2 O começo da salvação

Como temos dito nesta obra, a salvação foi projetada por Deus, tendo como objetivo recuperar o ser humano da queda, que o afetou em todas as suas dimensões. Depois do pecado o ser humano se alienou de Deus, dele mesmo e da criação. Quando alguém é salvo em Cristo, a salvação começa a colocar as coisas, de novo, em seus devidos lugares.

No tópico anterior, tratamos de um aspecto, digamos “atemporal” da salvação, pois, são fatos que se deram na eternidade: eleição e predestinação. A partir deste ponto, trataremos de aspectos históricos da salvação, ou sejam como uma pessoa que foi eleita segundo a presciência de Deus e predestinada nos termos apresentados anteriormente, recebe a salvação na história.

Quando cremos em Cristo como nosso Senhor e Salvador, várias das bênçãos da salvação se processam em nossa vida. Nosso “status” muda diante de Deus. Várias obras pontuais acontecem em nossa vida. Estas obras pontuais são aquelas que estão no “começo da salvação”, quando somos salvos da penalidade do pecado. O quadro abaixo mostra estas distinções com mais clareza.

OS TRÊS TEMPOS DA SALVAÇÃO		
PENALIDADE	PODER	PRESENÇA
Passado <i>... fomos salvos ...</i> (Rm 8:24)	Presente <i>... estamos sendo salvos ...</i> (1 Co 1:18)	Futuro <i>... seremos salvos ...</i> (Rm 5:10)
Chamado Conversão Regeneração Justificação Adoção	Santificação Perseverança	Glorificação

A tabela anterior explicita, resumidamente, como a Bíblia apresenta a salvação: em três tempos. Ela pode ser vista como um ato do passado, como um processo no presente e como um evento futuro. Desta forma, o crente em Jesus pode dizer que foi salvo, está sendo salvo e será salvo no futuro. Fomos livres da condenação do pecado e de sua dominação; e seremos completamente salvos de sua presença. Este entendimento sobre os estágios da salvação é importante para compreendermos corretamente os textos bíblicos referentes ao assunto.

Existem alguns textos bíblicos que dizem que fomos salvos (Rm 8:24 cf. At 11:14; 16:31; Hb 10:39, etc.), isto é, apresentando a salvação como um ato passado. Estes textos se referem aos atos iniciais da experiência cristã da salvação: chamado, conversão, regeneração, justificação e adoção. Todos estes eventos mudam a posição do indivíduo perante Deus: de condenado para salvo.

Existem também textos que dizem que estamos sendo salvos (1 Co 1:18 cf. Fp 2:12, etc.). Estes, dizem respeito a mudança progressiva que Deus vai operando na vida dos indivíduos por meio do Espírito. É a parte do meio da salvação. Duas obras acontecem aqui: santificação (que também possui um aspecto posicional, mas é vista, principalmente, de modo processual) e a perseverança (irmã gêmea da santificação).

Por fim, existem os textos que dizem que seremos salvos (Rm 5:10 cf. 2 Ts 2:13, etc.), apontando para o estágio final da salvação, chamado de glorificação, quando o indivíduo, enfim, será como Jesus, tendo a natureza decaída completamente removida. Nesta ocasião, todo o universo sentirá os efeitos da obra da reconciliação feita por Cristo (Cl 1:20). Iniciemos, desde modo, o estudo dos atos iniciais da experiência da salvação.

2.2.1 O chamado

Paulo escreveu que era *apóstolo de Jesus Cristo para levar os eleitos de Deus à fé e ao conhecimento da verdade* (Tt 1:1 - grifo nosso). E como isso acontece? Como os eleitos chegam à fé? A salvação projetada na eternidade começa a se concretizar, na história, na vida do indivíduo, com o chamado: *E aos que predestinou, também chamou* (Rm 8:29-30). O primeiro passo para a salvação “começa com a chamada graciosa de Deus, que é direta através do Espírito e imediata através da Palavra”.⁶⁷

Como todos os seres humanos estão mortos e perdidos no pecado, eles são incapazes de crer por si mesmos. Deste modo, é preciso que haja alguma ação de Deus para despertar indivíduos dando-lhes condições de crer. Essa atividade de Deus é o que estamos denominando de chamado. Podemos definir o chamado da seguinte maneira: é o ato da graça pelo qual Deus, por meio do Espírito Santo (obra chamada de despertamento) e de agentes humanos (pregação do evangelho), convida pecadores a aceitarem pela fé a salvação providenciada por Cristo.

Biblicamente, o chamado acontece por meio da graça: *que nos salvou e nos chamou com uma santa vocação, não em virtude das nossas obras, mas por causa da sua própria determinação e graça. Esta graça nos foi dada em Cristo Jesus desde os tempos eternos* (2 Tm 1:9). Deus decidiu salvar pessoas por sua graça, a despeito do merecimento destas, e as convida, também, por graça. O chamado de Deus para a salvação é um convite estendido a todos os seres humanos: *Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso* (Mt 11:28). Por isso, o evangelho deve ser pregado a toda criatura (Mc 16:15). Deus faz um convite geral para que os seres humanos venham até ele (Lc 14:16-24; Jo 7:37; Ap 22:17). Vê-se “nestas passagens que a chamada ao arrependimento é universal e sem distinção de classes ou de raças. Deus chama todos ao arrependimento”.⁶⁸

Contudo, apesar do convite para a salvação ser geral, nem todos os seres humanos responderão positivamente. Quando Jesus disse que *muitos são chamados, mas poucos, escolhidos* (Mt 22:14) é possível que estivesse apontando este fato. Os “escolhidos” são aqueles que, em sua presciência, Deus viu que responderiam positivamente ao chamado e elegeu pela salvação (conforme explicado no tópico anterior que tratou da eleição). Apenas para estes o chamado será eficaz, no sentido de que apenas eles reagirão com arrependimento e fé.

⁶⁷ Wiley; Culbertson (2009:271).

⁶⁸ Langston (1999:210).

O chamado, vem do próprio Deus, segundo a Bíblia. É Deus quem chama (Rm 8:29-20). Jesus disse: *Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair* (Jo 6:44). Todavia, como Deus faz isso? Ele decidiu que as pessoas seriam salvas por meio da pregação (1 Co 1:21; Rm 10:14, 16-17; 2 Ts 2:14). Neste sentido, é interessante notarmos que Deus usa pessoas para chamar pecadores a si mesmo. Pregadores do evangelho são porta-vozes de Deus nesta chamada para a salvação. A pregação da Palavra, por meio de agentes humanos, é o instrumento que o Espírito Santo, que é Deus, usa para gerar fé no coração daqueles que ainda não alcançaram a salvação.

2.2.1.1 O papel do cristão

A pessoa que recebe o chamado do evangelho para reconhecer a Cristo como Senhor e receber a salvação deve ter um entendimento básico de quem ele é e de como satisfaz nossas necessidades de salvação. Quando os primeiros discípulos de Jesus pregavam o evangelho, conforme pode se ver nas páginas das Escrituras, eles não apresentavam a Cristo como “a solução para todos os problemas”, mas como o salvador crucificado e ressuscitado, poderoso para dar vida eterna a todos aqueles que se aproximam dele por fé. Pregar “o evangelho não significa dizer qualquer coisa comovedora, agradável ou atrativa, mas anunciar a obra redentora de Cristo”.⁶⁹ Portanto, uma explicação dos fatos concernentes à salvação deve incluir o seguinte:

- Todas as pessoas são pecadoras (Rm 3:23).
- O salário do pecado é a morte (Rm 6:23).
- Jesus morreu para pagar a pena pelos nossos pecados (Rm 5:8; 1Co 15:3).
- Jesus é hoje o único caminho para a salvação: Salvador (At 4:12; 1 Tm 2:5).
- Jesus precisa ser reconhecido como Senhor (Rm 14:9; Fp 2:8-10; Rm 10:9).
- Quem o reconhece como Senhor tem seus pecados perdoados (At 3:19; 1Jo 1:5) e recebe uma nova vida (Rm 8:1; 2 Co 5:17).
- Jesus exige de nós arrependimento e fé (At 2:38, 44; 16:31).

2.2.1.2 O papel do Espírito Santo

Como temos dito, a pregação da Palavra é o instrumento que o Espírito Santo, que é Deus, usa para gerar fé no coração daqueles que ainda não alcançaram a salvação. Sem este papel do Espírito Santo ninguém chegaria à fé, pois ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor a não ser pelo Espírito Santo! A obra do Espírito Santo *em* nós é tão necessária como a obra de Cristo *por* nós. O Espírito Santo age no mundo, na vida dos não salvos, sobretudo, para conduzi-los a Cristo. Age a fim de convencê-los. Esta é a chamada obra do despertamento ou convencimento.

Despertamento é “o termo usado na teologia para denotar a operação do Espírito Santo por meio do qual as mentes humanas são vivificadas ao reconhecimento do seu estado de perdição”.⁷⁰ Por estar sob o domínio do pecado (cf. Rm 6:14; Ef 2:2-3), o não salvo não reconhece que está errado, ao contrário, procura justificar o pecado. O deus deste século lhe cegou o entendimento (2Co 4:4). Por isso, sem a ação do Espírito Santo é impossível o pecador chegar-se a Cristo.

⁶⁹ Lima 2006:342).

⁷⁰ Wiley; Culbertson (2009:271).

Sobre esta obra do Espírito Santo, Jesus disse: *Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado porque não creem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado* (Jo 16:8-11). A palavra-chave dessa passagem é “convencerá”. O sentido dela é de “persuadir”. Mas essa palavra também carrega a ideia de “sentenciar”, “expor” e “reprovar”.⁷¹ Assim, o Espírito Santo atua para convencer os não salvos de que sua terrível incredulidade diante de Cristo resultará, certamente, em punição eterna.

O texto começa dizendo que o Espírito Santo convence o não crente *do pecado*. Que pecado? O de não crer em Cristo (v.9), isto é, o pecado da incredulidade, pois *quem não crê já está julgado* (Jo 3:18) e *condenado* (Mc 16:16). Em seguida, o texto declara que o Espírito Santo convence o não crente *da justiça*. Que justiça? A resposta está em João 16:10, que diz: *Porque vou para meu Pai*. Jesus disse isso algumas horas antes de ser preso e crucificado. Ele foi tratado como um malfeitor, mas era inocente! Assim, “a justiça da qual o Espírito convence não é a justiça humana, mas a de Cristo”,⁷² ou seja, ele nos convence da justiça vinda da obra completa de Cristo pela humanidade. Justiça essa que foi autenticada quando ele ressuscitou e quando foi recebido pelo Pai nos céus.⁷³

Por fim, João 16:8 afirma que o Espírito Santo convence o não crente *do juízo*. Que juízo? Jesus explica da seguinte forma, no versículo 11: *Porque o príncipe deste mundo já está julgado*. Na cruz, Satanás foi derrotado. Ele já foi julgado, e o veredicto declarado.⁷⁴ Para ele só resta a execução da sentença quando Cristo voltar, ocasião em que será *lançado no lago de fogo e enxofre* (Ap 20:10). Esse será também o destino de todos que se recusarem a crer em Cristo. É desse juízo que o mundo deve ser convencido.

De novo, reafirmamos: sem essa obra de convencimento ou despertamento do Espírito Santo, o ser humano jamais chegará à salvação. E neste processo de despertamento, o Espírito Santo age indiretamente através da Palavra de Deus, quando ela está sendo pregada e, além disso, age diretamente nos corações humanos: *Uma das que ouviam era uma mulher temente a Deus chamada Lídia, vendedora de tecido de púrpura, da cidade de Tiatira. O Senhor abriu seu coração para atender à mensagem de Paulo* (At 16:14). À luz deste texto é claro que o entendimento de Lídia foi aberto para a compreensão da mensagem pregada.

Por fim, é importante pontuarmos que convencer não significa converter. Convencer é persuadir um oponente para que resolva a questão mediante uma luz clara, quer venha aceitar, quer venha rejeitar a evidência. Mesmo com este trabalho do Espírito Santo, a chamada pode ser rejeitada. Tal verdade está fartamente presente nos textos bíblicos (At 7:51; Rm 10:21; Is 65:2; 50:2; Mt 22:8-13). As pessoas podem resistir a verdade (2 Tm 3:8; At 13:46; Rom 10:16; Jo 1:11-12).

2.2.1.3 A questão do livre-arbítrio

Como conciliar a soberania divina e a liberdade humana, quando o assunto é a salvação? Se o ser humano possui uma natureza corrompida e não consegue agir de modo contrário a ela (Rm 3:10-12), ele nunca desejará Deus. Sendo assim, será

⁷¹ Wiersbe (2006:466).

⁷² Duffield & Cleave (1991:5).

⁷³ Hendriksen (2004:725).

⁷⁴ Wiersbe (2006:467).

que ele realmente pode ser considerado livre no que diz respeito a salvação? Antes de respondermos a esta questão, vamos dar um pequeno passo atrás, para verificar o que a Bíblia diz sobre a soberania de Deus e sobre a liberdade humana.

a) Deus é soberano

A Bíblia mostra que Deus é soberano: *O Senhor faz tudo o que deseja, no céu e na terra, nos mares e em todos os abismos* (Sl 135:6); *Pois o Senhor, o seu Deus, é o Deus dos deuses e o Soberano dos soberanos, o grande Deus, poderoso e temível* (Dt 10:17a). Dizer que Deus é soberano significa dizer que ele mantém e governa todas as coisas, numa dimensão além da nossa compreensão, e que realiza planos que não somos capazes de alterar, retardar ou interromper.

O Deus da Bíblia é o ser supremo do Universo. É importante lembrar que a doutrina da soberania está relacionada diretamente à doutrina da providência. A soberania ou a providência podem ser percebidas por meio de duas ações de Deus: a preservação e o governo. Como ser supremo, *é Deus quem preserva todo o Universo*. As leis naturais, como a gravidade, por exemplo, existem porque Deus mantém o Universo funcionando como o criou: *Ele sustenta o Universo com a sua palavra poderosa* (Hb 1:3a - NTLH).

Paulo escreveu que, em Cristo, tudo subsiste (Cl 1:17). A ideia é que Cristo é o sustentador do Universo e o mantém funcionando em harmonia. Só podemos respirar neste momento porque o Senhor está em sua contínua atividade de sustentação de todas as coisas (Ne 9:6; Jó 34:14-15; At 17:28). A ação de Deus pode ser vista, também, na criação inanimada: ele faz crescer o capim ou a verdura que o homem planta (Sl 104:14), estabelece um limite para os oceanos que cobrem a Terra (Sl 104:9); providencia alimento para os animais etc. (Sl 104:25-27; Mt 6:26).

Além da preservação, como ser supremo, *é Deus quem governa todo o Universo*. Ele domina sobre tudo e todos (1 Cr 29:11-12; Sl 103:19); remove e estabelece reis (Dn 2:21); faz com que os eventos concorram de acordo com a sua vontade e sua determinação (At 4:28); usa nações ímpias para o cumprimento dos seus propósitos (Is 10:5-19). Talvez aqui esteja o grande desafio da doutrina da soberania divina: como Deus governa o mundo? Ele determina meticulosamente tudo o que vai acontecer, inclusive as ações e as escolhas morais das pessoas ou ele permite ao ser humano uma esfera de liberdade?

b) O ser humano é livre

Não é difícil encontrar quem defenda que todas as ações humanas foram pré-determinadas por Deus. Cada pensamento, cada ação, enfim, tudo. Mas, se Deus, em sua soberania absoluta, é quem determina cada ação dos indivíduos, seria difícil evitar a conclusão de que ele é o originador do pecado e do mal. Contudo, tal concepção não se alinha com o que diz a Bíblia: Deus criou seres humanos como seres morais, responsáveis por suas ações e livres (Gn 2:16-17).

Se, ao criar o ser humano, Deus tivesse determinado que ele faria somente o que é correto ou somente o que é errado, ele não seria, de fato, livre. A liberdade humana seria uma falácia. Para serem livres, os seres humanos precisam poder, de fato, escolher sem que alguém determine sua escolha (sejam elas boas ou más). Quando criou seres à sua imagem e conforme a sua semelhança, Deus os dotou de liberdade (Gn 1:26). Mesmo depois da Queda, quando a imagem e a semelhança foram rasuradas, os seres humanos continuam sendo agentes morais livres.

É óbvio que a Queda trouxe uma corrupção para a natureza humana: há uma inclinação natural para o que é errado (Ef 2:1-4; Rm 7:19; Jr 17:9). Mas, mesmo assim, cada ser humano continua responsável por suas escolhas e suas decisões (Ne 9:16-17; Dt 30:19). Como conciliar a ideia de que Deus governa o Universo com a de ideia de que os seres humanos podem tomar decisões? Biblicamente, parece que, dentro de sua soberania, Deus permite aos seres humanos uma esfera de liberdade e sabe alinhar as escolhas e as ações destes dentro de seu plano (Pv 16:1-2, 9). O exemplo de José ajuda a exemplificar esta verdade.

O livro de Gênesis é claro em dizer que quem o vendeu como escravo para o Egito foram seus irmãos, e eles são responsáveis por isso (Gn 45:4). Mas, ao mesmo tempo, o livro de Gênesis também diz que foi Deus quem enviou José para o Egito (Gn 45:8). Tudo o que aconteceu com José estava dentro do projeto de Deus, mas ele usou agentes livres para que tudo se cumprisse e transformou o mal em bem. Não é simples entendermos essa verdade, mas, em muitas passagens bíblicas, nós a vemos claramente: um Deus soberano executando seus planos, por meio de agentes livres.

Mas voltemos a pergunta do início deste tópico: como conciliar a soberania divina e a liberdade humana, quando o assunto é a salvação? No que diz respeito à salvação, a Bíblia mostra que o ser humano, por si mesmo, não pode escolher Deus. Está morto em delitos e pecados (Ef 2:1-4; Tt 3:3) e não pode mudar sua natureza, sem uma ajuda externa. Ele precisa de um despertar conforme estudamos anteriormente. Quem faz isso é o Espírito Santo, que lhe fornece os meios pelos quais pode tomar a decisão de se render a Cristo ou rejeitá-lo (Jo 16:8-11). O Espírito não o obriga a receber a Cristo: ele ilumina a mente do pecador, dando-lhe condições para tomar uma decisão. Então, apesar de podermos dizer que a salvação é do Senhor (Jn 2:9), que ele salva soberanamente, ainda assim, podemos afirmar que o ser humano deve responder positivamente a este chamado, com a ajuda do Espírito Santo: "Se alguém quer", como disse Jesus. Isso, obviamente, não torna a salvação meritória. Todo mérito é de Cristo, e a recebemos pela graça.

Diante disso, no que diz respeito a salvação, então, o ser humano não possui livre-arbítrio, pois é incapaz de agir de maneira contrária à sua natureza caída e corrupta. Ele é livre para escolher com quem vai se casar, o que vai comer, onde vai trabalhar, que curso vai fazer etc. A isso os teólogos chamam de "livre agência", isto é, a capacidade de decidir por si mesmo, de maneira autônoma. Contudo, no que diz respeito à escolha do bem maior, no que diz respeito a escolher Deus, ele nunca faria não fosse a obra do Espírito Santo. É a iluminação do Espírito que lhe dá condições de reconhecer seu estado de perdição e abandoná-lo, convertendo-se a Cristo, tema da sequência desta obra.

2.2.2 A conversão

Nas palavras de Jesus, ninguém pode entrar no reino dos céus sem se converter (cf. Mt 18:3). Temos, neste texto, a palavra grega στρεφω (strephe), que significa "girar", "virar". A palavra "conversão" significa "mudança, retorno ou volta".⁷⁵ Em se tratando de salvação, essa palavra representa a atitude do pecador em render-se à proposta de Cristo. E ela está estritamente ligada a dois elementos fundamentais: o arrependimento e a fé. Conversão é a ação de abandonar o pecado em arrependimento e voltar-se para Cristo em fé. Evidentemente, sem se arrepender e

⁷⁵ Brown (1981:496).

sem crer no evangelho o homem não tem como voltar-se para Deus. Isso é enfatizado nas palavras do próprio Mestre: *O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!* (Mc 1:14b).

A palavra arrependimento é uma tradução do termo grego *metanoia*, que significa, literalmente, “transformação de mente” ou “mudança de opinião”. Era um termo militar, usado nas marchas. Quando um comandante queria que os seus soldados mudassem de direção, gritava: *Metanoia!* Na vida cristã acontece quando o pecador, convencido pelo Espírito Santo (cf. Jo 16:8-11), percebe que está no caminho errado e decide fazer o giro e começar a andar em outra direção.

Segundo a Bíblia, esse tipo de arrependimento não é igual ao remorso, mas é a verdadeira e profunda tristeza pelo pecado, que é seguida pelo desejo e empenho por mudanças (cf. 2 Co 7:9-10). Assim, arrepender-se é o mesmo que virar as costas para o pecado. Esse é um passo importante para a salvação. Trata-se de aspecto “negativo” da conversão. O aspecto positivo é a “fé”.

O arrependimento só terá resultados efetivos se for acompanhado da fé salvífica, isto é, crer em Jesus como salvador. Se pelo arrependimento viramos as costas para o pecado, pela fé confiamos que Cristo é capaz de nos perdoar e assim passamos a caminhar em sua direção. Mas como a fé nasce no ser humano pecador, perdido e sem Deus? Paulo é explícito quando diz: *A fé vem pelo ouvir* (Rm 10:17). Ela nasce através da pregação do evangelho. Quando o chamado está acontecendo, o evangelho está sendo pregado e o Espírito Santo está trabalhando para que o pecador compreenda seu estado e responda em arrependimento e fé.

Deste modo, conversão é o fruto da junção entre o arrependimento e a fé. É a nossa resposta positiva à mensagem do evangelho. Sobre isso, Paulo ponderou: *Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?* (Rm 10:14). A conclusão é óbvia: sem pregação não há conversão. E quando a conversão acontece, há uma mudança radical naquilo que a pessoa crê e faz (Lc 9:23-26). A conversão é radical e acontece de uma vez por todas; não se trata de uma obra progressiva. Ou a pessoa é convertida ou não é. Não existe “meio convertido”.

Com a conversão, o Espírito que atuou para despertar o cristão, passa a viver nele: *Nele, quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados com o Espírito Santo da promessa, que é a garantia da nossa herança* (Ef 1:13-14). O “selo” do Espírito Santo é a própria presença do Espírito na vida do salvo. É a garantia de que a pessoa foi aceita por Deus, e que agora pertence a Ele e faz parte do corpo de Cristo, e de que receberá todas as demais bênçãos da redenção: regeneração, justificação, adoção, santificação e glorificação, conforme veremos.

2.2.3 A regeneração

Juntamente com a conversão temos a regeneração. Ambos os passos estão muito ligados um ao outro, sendo praticamente simultâneos. A conversão diz “respeito à nossa resposta à salvação e à aproximação que Deus oferece a humanidade. A regeneração é o outro lado da conversão. É obra de Deus. É a transformação que Deus opera nos indivíduos que creem”.⁷⁶

⁷⁶ Erickson (1997:398).

A Bíblia diz, acerca da natureza humana: *Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto* (Jr 17:9). O coração humano foi corrompido pelo pecado e carrega uma *doença incurável*: a natureza pecaminosa. Desde a queda, lá no Éden, todos, homens e mulheres, já nascem com essa terrível natureza e, por isso, não conseguem fazer a vontade de Deus: *Será que o etíope pode mudar a sua pele? Ou o leopardo as suas pintas? Assim também vocês são incapazes de fazer o bem, vocês, que estão acostumados a praticar o mal* (Jr 13:23). Por isso mesmo, além de uma “conversão” de caminho e rota, precisamos de uma mudança de natureza, que acontece por meio da regeneração.

Regeneração e novo nascimento têm o mesmo significado. Portanto, podemos definir a regeneração como sendo um ato único de Deus, através do qual ele nos concede nova vida espiritual.⁷⁷ Diz respeito a ação de Deus de dar nova vida aos que creem. Jesus deixa claro que o ato de *nascer de novo* é uma necessidade humana (Jo 3:7). Sem a regeneração o ser humano continuaria morto (Ef 2:1). Regenerado, ele recebe nova vida (2 Co 5:17). Paulo considera uma pessoa regenerada como uma nova criatura; alguém que já experimente as bênçãos da nova criação.

Destacaremos algumas informações necessárias sobre a regeneração. Em primeiro lugar, *o agente da regeneração*. Não somos capacitados a efetuar a regeneração. O agente dessa obra divina é o Espírito Santo: *não por causa de atos de justiça por nós praticados, mas devido à sua misericórdia, ele nos salvou pelo lavar regenerador e renovador do Espírito Santo* (Tt 3:5). A palavra “regenerar” é a palavra grega παλιγγενεσία (palingenesia), e significa “novo nascimento” ou “recriação”. É o Espírito Santo, portanto, quem efetua regeneração do ser humano. Logo, a nossa participação na regeneração é somente passiva, ou seja, sofremos a ação regeneradora do Espírito Santo.

Quando o Senhor Jesus ensinou sobre a regeneração ele também mencionou o papel do Espírito Santo: *Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode ver o reino de Deus* (Jo 3:5). Depreendemos deste texto que Jesus tinha em mente uma obra sobrenatural que transformaria a vida do indivíduo, obra esta que não seria alcançada pelo esforço humano, mas pelo Espírito, pois é ele quem efetua e torna possível o novo nascimento. O Espírito implanta uma vida nova no coração do pecador e habilita a “entrar” no reino de Deus.

Em segundo lugar, *o instrumento da regeneração*. O principal instrumento usado por Deus na regeneração é a Palavra, conforme afirma Pedro em sua primeira carta: *Vocês foram regenerados, não de uma semente perecível, mas imperecível, por meio da palavra de Deus, viva e permanente* (1:23 – grifo nosso). Através da pregação dessa Palavra, o pecador torna-se alvo da ação regeneradora do Espírito Santo. O Espírito usa a Palavra para iluminá-lo e despertá-lo. Por isso, quando uma pessoa responde a pregação com arrependimento e fé, se converte e nasce de novo (1 Jo 5:1), pode-se dizer, de algum modo, que ela foi “gerada pela palavra” (Tg 1:18).

Em terceiro lugar, *o resultado da regeneração*. Os resultados são manifestos através de uma nova maneira de viver da pessoa regenerada. Dessa forma, ficará evidente a mudança de caráter (2Co 5:17), de mente (Rm 12:2) e de coração (Ez 36:26). Quem é regenerado não se mostra mais dominado pelo pecado (1 Jo 3:9). Antes, luta contra ele, porque tem forças para crescer na *santificação* pessoal. Em 1 João 3:9 lemos: *Todo aquele que é nascido de Deus não pratica o pecado, porque a semente de Deus permanece nele; ele não pode estar no pecado, porque é nascido de Deus*. Aqui João explica que a pessoa que teve um encontro com Jesus Cristo não vive na prática do pecado porque a semente de Deus, que faz produzir vida espiritual, está nele.

⁷⁷ Grudem (1999:584).

O novo nascimento implica numa neutralização dos efeitos do pecado. O ser humano que estava morto, tem uma reversão de suas tendências naturais. O novo nascimento “é a restauração da natureza humana ao que se desejava originalmente e ao que era de fato antes de o pecado entrar na raça humana por ocasião da queda. Ela é ao mesmo tempo o início de uma nova vida e um retorno à vida e à atividade antiga”.⁷⁸ A pessoa regenerada pode, com a ajuda do Espírito, viver de modo contrário as suas inclinações naturais advindas do pecado. Pode crucificar a carne (Gl 5:24-25 cf. também Rm 6:1-11; Gl 2:20; 6:14).

Em quarto lugar, *o momento da regeneração*. Embora não seja possível definir o momento exato do novo nascimento, trata-se de um ato único e pontual que ocorre no início da caminhada cristã. A Escritura não fala de pessoas nascendo de novo durante toda a vida e nem de um processo de nascer de novo. Os crentes são aqueles que nasceram de novo e não aqueles que estão nascendo de novo (1 Jo 2:9; 1 Pd 1:3). O novo nascimento é, por assim dizer, completo e instantâneo. Entretanto, apesar de “a regeneração se completar instantaneamente, não é um fim em si. Sendo uma mudança de impulsos espirituais, a regeneração é o início de um processo de crescimento contínua ao longo da vida. Esse processo de maturação espiritual é a santificação”⁷⁹ (que estudaremos mais à frente, nesta obra).

Em quinto lugar, *o valor da regeneração*. É uma das experiências mais extraordinárias que um cristão experimental! É passar da morte para a vida; das trevas para a luz; da cegueira para a lucidez espiritual. Talvez, por isso, Pedro engrandeceu a Deus por esta importante obra espiritual: *Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos* (1 Pd 1:3).

2.2.4 A justificação

Outro componente que faz parte da *ordo salutis*, isto é, da “ordem da salvação”, é a justificação. Esta obra explica como pode o ser humano que nasce condenado por causa do pecado (já tratamos sobre o pecado herdado em outro capítulo desta obra) ter a sua condenação anulada? A resposta bíblica é a justificação: *Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus* (1 Co 6:11). Temos, neste texto, o verbo grego δικαιω (dikaioo). Ele se refere a alguém que é pronunciado justo. Por causa do sacrifício de Jesus, quando nos convertemos e somos regenerados, Deus nos perdoa e somos declarados justos. Então, a justificação é o ato de Deus declarar que, aos seus olhos, os pecadores são justos.⁸⁰ Consiste na declaração de nossa inocência perante Deus.

O verbo “justificar”, utilizado na Bíblia, foi retirado do vocabulário jurídico do primeiro século da era cristã. Quando alguém cometia algum deslize contrariando a lei, passava a ter uma pendência com a justiça. Quando pagava a pena, o dano causado a outro era considerado justificado. No prontuário do acusado, era mantida a descrição da falta cometida, porém com o carimbo que garantia que jamais poderia ser acusado novamente daquele crime. O carimbo dizia: “Justificado!”. O ser humano possuía uma enorme dívida com Deus e, por meio de Cristo é justificado.

Com base naquilo que a Bíblia nos diz sobre a justificação, pode-se fazer algumas observações necessárias sobre esta doutrina. Em primeiro lugar, *a base da justificação*.

⁷⁸ Erickson (1997:400).

⁷⁹ Erickson (1997:401).

⁸⁰ Erickson (1997:408).

Paulo escreveu que ninguém será considerado justo diante de Deus baseando-se na obediência a lei (Rm 3:20, 28). A lei não foi dada para conceder vida e, por conseguinte, não pode justificar o pecador: *Então, a lei opõe-se às promessas de Deus? De maneira nenhuma! Pois, se tivesse sido dada uma lei que pudesse conceder vida, certamente a justiça viria da lei* (Gl 3:21).

Segundo a Escritura, a base para a justificação é a fé em Cristo Jesus: *mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que creem* (Rm 3:22 cf. Gl 3:24). Quando o ser humano crê em Cristo, conforme apresentado no tópico sobre a conversão, ele é justificado. Deus é *justo e justificador daquele que tem fé em Jesus* (Rm 3:26). E Deus não faz isso com base em algum mérito visto nele, mas por sua graça: *sendo justificados gratuitamente por sua graça* (Rm 3:24). Por nossos méritos, nunca seríamos justificados: *Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justições, como trapo da imundícia* (Is 64:6).

Em segundo lugar, *o preço da justificação*. Como pode Deus declarar inocente uma pessoa que é culpada? Não estaria ele cometendo uma injustiça? A resposta é não. Pois ele justifica o pecador mediante o sacrifício de seu Filho na cruz do Calvário. Esse foi o preço do resgate. A Escritura nos afirma que *o salário do pecado é a morte* (Rm 6:23) e pelo fato de o Senhor ser justo, todo ser humano deveria receber a condenação prevista, ou seja: se há pecado, deve haver morte. Esse é o preço, pois *sem derramamento de sangue não há remissão de pecados* (Hb 9:22). Por isso Jesus Cristo, o justo, morreu no lugar dos injustos.

Na cruz houve uma troca de papéis: Cristo morreu a nossa morte para vivermos a vida que era dele por direito. Ele, de forma voluntária, entregou-se para cumprir a condenação e pagar a pena que era nossa. É com base nisso que somos justificados. Note o que diz a Palavra de Deus: *Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus* (2 Co 5:21 cf. Rm 5:18-19). Assim sendo, a justificação é o ato de o Senhor declarar, com base na morte substitutiva de seu Filho, que todo pecador que o recebe por salvador tem os pecados cancelados e a condenação anulada.

Em terceiro lugar, *as características da justificação*. A justificação tem quatro características fundamentais.

- Primeira: *é uma obra instantânea*. Não é um processo como acontece na santificação. Quando o pecador se rende a Cristo, imediatamente ele é justificado de seus pecados diante de Deus e isso acontece simultaneamente a conversão e a regeneração.
- Segunda: *é um ato “legal”*, pois é semelhante ao que acontece nos tribunais, quando o juiz dá o veredito. No caso da justificação, somos os réus e Deus é o juiz. Quando ele nos justifica, está nos declarando justos e inocentes.
- Terceira: *é uma ação graciosa*, ou seja, nós a recebemos pela graça, pois é algo que não merecemos. Por isso somos justificados pela fé em Jesus e não pelas obras (cf. Rm 3:20, 11:6; Tt 3:4-7).
- Quarta: *é um feito poderoso*. Quem a executou foi o próprio Deus. Não é um ato humano, mas é algo que provém do Altíssimo. Ele é o idealizador e o executor desse feito; *Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará?* (Rm 8:33-34). Deus nos justificou poderosamente. Não precisamos temer as acusações de ninguém. A justificação nos leva a um novo patamar de relacionamento com Deus: *Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo* (Rm 5:1).

2.2.5 A adoção

Na sequência da *ordo salutis* temos a adoção. Na justificação temos a imagem do juiz inocentando um réu, na adoção a imagem é de um pai adotando filhos. Segundo a Escritura: *Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus* (Gl 3:26). Após Deus nos justificar, ele nos concede uma preciosa dádiva que mostra ainda mais a sua bondade e o seu amor: adota-nos como filhos. De fato, embora um juiz humano venha a inocentar o réu, seguramente não fará dele um filho, mas é exatamente isso o que Deus faz. Além de perdoar o pecador, ele mesmo o recebe em sua família. Destaquemos algumas questões sobre a adoção.

Em primeiro lugar, *a definição de adoção*. Podemos definir a adoção como um ato afetoso e legal da parte de Deus, por meio do qual ele nos torna membros de sua família, levando-nos ao status de filhos e filhas, concedendo-nos os direitos e privilégios de uma família. Por causa do pecado os seres humanos se afastaram do pai celestial e se tornaram *filhos da desobediência* e *filhos da ira* (Ef 2:1, 3). Contudo, a Bíblia nos diz que *tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de quem obtivemos acesso pela fé a esta graça* (Rm 5:1-2). O sacrifício de Cristo nos justifica e abre as portas para que o relacionamento paternal de Deus para conosco seja restaurado.

Em segundo lugar, *a condição para a adoção*. O apóstolo João escreveu que o fundamento da adoção é a fé em Jesus: *Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus* (Jo 1:12). Paulo também destacou esta verdade: *Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus* (Gl 3:26). Observe, então, que todas estas obras iniciais da *ordo salutis* acontecem quase que simultaneamente. A adoção também acontece de uma vez, é instantânea. Ou se é filho de Deus ou não. E, a luz do testemunho bíblico, aqueles que não creem no filho de Deus e não tem fé em Jesus, não podem ser considerados filhos de Deus. São suas criaturas. Filhos de Deus são aqueles que creem e que foram, novamente, incluídos na família.

Em terceiro lugar, *o agente da adoção*. A adoção também é uma obra do Espírito Santo, por meio da qual os que foram justificados adentram numa convivência filial com Deus: *Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temer, mas receberam o Espírito que os adota como filhos, por meio do qual clamamos: "Aba, Pai"* (Rm 8:15 – grifo nosso). A palavra grega utilizada neste texto é υιοθεσία (huiothesia). Ela foi traduzida por adoção e traz o sentido de “adotar como filho”. É a mesma palavra que aparece em Efésios 1:5, onde se diz que fomos predestinados para a adoção. Conforme foi tratado no tópico sobre eleição e predestinação, Deus destinou os eleitos para serem filhos. O Espírito aplica este benefício da salvação. Por meio dele, que mora em nós, em nosso interior temos a certeza de que somos filhos de Deus, e *que clamamos: Aba, Pai* (cf. Rm 8:13-16).

Em quarto lugar, *as características da adoção*. Podemos apontar duas características da adoção.

- Primeira: a adoção é *um gesto amoroso*. Vemos um exemplo disso nos diversos casais que, num gesto de amor, adotam crianças órfãs ou abandonadas pelos pais biológicos. Esse é um singelo ato de compaixão e ternura. Em relação a nós, o Pai celeste não é diferente, pois a Bíblia nos diz: *Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus* (1Jo 3:1).
- Segunda: A adoção também é *uma ação jurídica*, ou seja, somos legalmente adotados por Deus. Em Gálatas 4, versículos 4 e 5, lemos: *Deus enviou seu*

Filho (...) para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. Quando o apóstolo Paulo escreveu essas palavras, havia um procedimento da lei romana muito interessante e bastante comum naquela época. Segundo essa lei, o filho adotado, em certa ocasião, devia ser formalmente apresentado e reconhecido diante da sociedade numa cerimônia pública. É assim que passava a desfrutar de todos os privilégios de um filho legítimo, tornava-se um verdadeiro herdeiro daquele que o adotou.⁸¹ Tendo isso em mente, Paulo concluiu: *Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo* (Rm 8:17).

Dessa maneira, podemos concluir que a adoção é um ato afetivo e legal da parte de Deus por meio do qual ele nos torna membros de sua família, fazendo de nós seus filhos.⁸²

Em quinto lugar, *os benefícios da adoção*. Os benefícios e as implicações são maravilhosos e inúmeros:⁸³ sendo filhos do Rei, podemos entrar sem receio na sala do trono para nos aproximar e conversar com ele. Temos seu perdão, sua proteção, sua correção e o seu amor (Ef 4:32; Hb 12:5-11; 1 Jo 3:1). Por outro lado, nosso desafio é viver neste mundo como filhos de Deus, de forma que o nome de nosso Pai seja honrado por meio de nossa vida (Mt 1:6; Ef 5:1,8; 1 Jo 3:10; 1 Pe 1:14), até o dia em que seremos publicamente reconhecidos como filhos de Deus, por ocasião da volta de Cristo: *E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos* (Rm 8:23). Haverá um dia em que todos os filhos de Deus serão publicamente reconhecidos como tais.

2.3 A continuidade da salvação

Acabamos de estudar as obras espirituais que estão no começo da salvação do indivíduo. Trata-se de obras pontuais que se encontram no início da caminhada de todo discípulo de Jesus: todos eles foram chamados, passaram pela conversão, regeneração, justificação e adoção. Mais ainda existem outros passos na *ordo salutis*. A obra de salvação para transformar a vida do salvo continua. Neste tópico, trataremos da santificação e da perseverança.

2.3.1 Santificação

A santificação é outra parte importante do processo de salvação. O autor de Hebreus diz que, sem ela, *ninguém verá o Senhor* (Hb 12:14). Na Bíblia, a santificação é posicional e processual. Em 1 Coríntios 1:2 podemos ver esses dois conceitos claramente: *aos santificados em Cristo Jesus* (santificação posicional), *chamados para serem santos* (santificação processual). Vamos entender melhor esses dois conceitos.

2.3.1.1 A santificação posicional

A santificação é *posicional* porque é uma realidade, uma posição do crente em Jesus. Todo crente em Jesus pode ser posicionalmente considerado um “santo”, pois é

⁸¹ Richards (2008:406).

⁸² Grudem (1999:615).

⁸³ Erickson (1997:414).

assim que Deus os vê. Por isso os autores do Novo Testamento chamam os crentes em Jesus de “santos” (2 Co 1:1; Fp 1:1; Cl 1:1; etc). O substantivo grego traduzido por “santo” é ἅγιος (*hagios*), que significa, literalmente, “separado da condição ou uso comum”. Esta é uma condição de todo salvo; seu novo status adquirido com a salvação.

Em algumas passagens da Escritura os cristãos são descritos como “santificados”: *Assim foram alguns de vocês. Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus* (2 Co 6:11; 1:2). A ideia aqui é de uma ação concluída. Assim como todo cristão foi justificado, de modo completo, ele também foi santificado de modo completo. Quem faz esta santificação completa, separando-o para viver para Deus é o Espírito Santo (Rm 15:16).

Aqueles que receberam a Cristo como Senhor foram “separados” do seu antigo modo de viver e conduzidos para um novo estilo de vida, orientado por padrões estabelecidos pela Palavra de Deus. Tudo o que Cristo fez por nós na cruz nos garante essa posição. Por causa dele fomos santificados (1 Co 1:2); ele é nossa “santificação” (1 Co 1:30). A santificação vista como uma posição um ato instantâneo, como a conversão, a regeneração e a justificação. Às vezes ela também é chamada de “santificação definitiva”, pois na conversão a pessoa rompe definitivamente com o pecado (o que não significa que ela não vai mais pecar, mas que não é mais condenada e nem dominada pelo pecado).

É importante lembrar que a palavra “santo” sempre é usada no Novo Testamento no plural, nunca no singular. Ninguém é chamado de “santo” individualmente. A razão disso é porque este termo não pode ser utilizado como um título pessoal. Trata-se de termo usado algumas vezes para descrever a posição do crente em Jesus nascido de novo.⁸⁴ Quem é nascido de novo, posicionalmente é santo, isto é, foi separado para viver para Deus. Foi trazido das trevas para a luz. A santificação posicional muda a posição de pecadores que merecem a ira de Deus para a posição de filhos amados do Pai e perfeitos aos seus olhos. Esta nova posição significa que agora o indivíduo faz parte do corpo de Cristo (1 Co 12:27) e é possuidor da natureza divina (2 Pe 1:4).

2.3.1.2 A santificação processual

A santificação posicional inevitavelmente leva à santificação processual. É uma demonstração visível de uma realidade invisível. Já “somos santos em Cristo Jesus, agora precisamos evidenciar no dia a dia essa realidade de santidade”.⁸⁵ Aqueles que nasceram de novo naturalmente começarão a agir de acordo com sua nova natureza que receberam em Cristo Jesus. As boas obras serão o resultado inevitável, com o consequente aumento da santidade na vida pessoal (1 Pe 1:15-16). Neste sentido podemos dizer que a santificação é, também, processual.

A Bíblia diz: *Amados, visto que temos essas promessas, purifiquemo-nos de tudo que contamina o corpo ou o espírito, tomando-nos cada vez mais santos porque tememos a Deus* (2 Co 7:1 - NVT); ... *desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor* (Fp 2:12). Ambos os textos destacam o aspecto progressivo ou processual da santificação. Quando nos rendemos a Cristo damos início a uma caminhada, mas ainda não estamos totalmente prontos, há um longo caminho a percorrer até que cheguemos *à medida da estatura da plenitude de Cristo* (Ef 4:13).

Algumas questões importantes podem ser colocadas em relação a santificação como um processo. Em primeiro lugar, *a definição de santificação processual*. Vista como

⁸⁴ Wilkinson (2002:45).

⁸⁵ Lima (2006:385).

um processo, podemos definir a santificação como a obra que Deus desenvolve em nós, dia a dia, para nos afastar cada vez mais do pecado e para nos tornar cada vez mais parecidos com Cristo em nosso viver diário. Esse conceito pode até parecer estar em conflito com o primeiro, mas não está. Eles são complementares. Ao mesmo tempo em que o Novo Testamento chama os cristãos de santos (1 Pe 2:9; 2 Pe 1:21; 3:2) também os exorta: *Sede vós também santos* (1 Pe 1:15). Uma coisa é ser chamado de “santo”, outra coisa é viver como “santo”. Cada cristão é chamado a viver a altura da sua nova posição, afinal, agora o pecado não é mais senhor em sua vida (Rm 6:14).

Na santificação processual, duas coisas devem acontecer na vida do salvo: ele deve se afastar do pecado e cada dia deve ser menos dominado pelo seu poder. E, além disso, deve crescer cada dia até que sua vida, como um todo, se conforme a imagem de Cristo. É paradoxal o que acabamos de afirmar, mas é a realidade que a palavra de Deus apresenta. Apesar de termos sido santificados, o pecado ainda habita em nós. Somos santos e pecadores ao mesmo tempo. Por isso, a realidade da santificação posicional deve se manifestar progressivamente por meio da vitória sobre o pecado, para que as marcas do velho homem vão desaparecendo cada vez mais e o novo homem apareça (Cl 3:1-10). O grande alvo do processo de santificação é nos parecermos com Jesus (Fp 3:13-16; Hb 12:1-2). Um dia seremos como ele é (1Jo 3:2). Fomos predestinados para isso, para sermos conforme a imagem do seu filho (Rm 8:29).

Em segundo lugar, *a parceria na santificação processual*. Deus é o autor da santificação (1 Ts 5:23; Jo 17:17). Ao mesmo tempo, entretanto, a Bíblia mostra que a santificação é nossa responsabilidade.⁸⁶ A Bíblia nos manda aperfeiçoar a nossa santidade (2 Co 7:1). A santificação é um chamado para todo cristão: *Porque Deus não nos chamou para a impureza, mas para a santificação* (1Ts 4:7). O autor de Hebreus também aponta esta responsabilidade de buscar a santificação (Hb 12:14). Enfim, a santificação é uma obra conjunta: *Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar* (Fp 2:13). É óbvio que, mesmo nos incentivando e ajudando, ainda assim, precisamos fazer a nossa parte: *ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor* (Fp 2:12). Os crentes não podem ser negligentes em seu esforço de viver em santidade. Santificação é “obra de Deus e obra do homem”.⁸⁷

Em terceiro lugar, *o alcance da santificação processual*. Ela deve alcançar o cristão como um todo (1 Ts 5:23): intelecto, emoções, vontade, palavra, pensamentos, corpo físico, enfim, em *toda a maneira de viver* (1 Pe 1:15). Em relação ao corpo, por exemplo, a Bíblia diz: *Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o corpo de vocês* (1Co 6:19-20). Todas as áreas da vida do cristão devem conformar-se a vontade de Deus. Em tudo o que fizermos, quer palavras quer ações, devemos fazer em nome de Jesus (Cl 3:17), ou seja, devemos fazer como Jesus faria, afinal de contas, a meta do processo de santificação é nos parecermos com Jesus em tudo.

Em quarto lugar, *o agente da santificação processual*. O Espírito Santo é o agente da santificação do cristão. Ele “atua dentro de nós para nos transformar e nos santificar, dando-nos maior santidade na vida”.⁸⁸ Somente por meio do Espírito podemos viver a santidade diariamente (cf. 2 Ts 2:13; Gl 5:16-18; 22; Rm 8:14). Pedro e Paulo falam da santificação do Espírito (1 Pd 1:2; 2 Ts 2:13). É o Espírito que produz em nós o “fruto do

⁸⁶ Lima (2006:387).

⁸⁷ Lima (2006:388).

⁸⁸ Grudem (1999:629).

Espírito” (Gl 5:22) que dizem respeito as marcas do caráter de Cristo que geram santificação cada vez maior. Crescer na santificação é andar no Espírito!

Em quinto lugar, *a evidência da santificação processual*. Como podemos evidenciar que somos salvos e que vivenciamos o processo da santificação? Através da obediência. Jesus foi claro em dizer que aqueles que o amam são os que guardam os seus mandamentos (Jo 14:15, 21; 1 Jo 5:3). Não obedecemos a lei de Deus para sermos salvos, mas como prova de que fomos salvos, e em gratidão e amor pela salvação que recebemos. A vontade de Deus expressa em sua lei (Jo 15:10-11; Ex 20:1-17) deve ser vivida por cada discípulo de Jesus. É na santificação que a obediência a Deus e as obras têm lugar. Efésios 2:9-10 ensina-nos que fomos criados em Cristo “para” as boas obras. Apesar de não sermos salvos “pelas obras” (Ef 2:8), somos salvos “para as obras” (Ef 2:10). Ou seja, a prática das boas obras, que envolve a obediência a totalidade da vontade de Deus (o que ele nos pede em sua palavra, inclusive a obediência sua lei), é consequência natural da salvação e deve ser uma constante enquanto o cristão vive a santificação. Jesus se entregou por nós para que praticássemos boas obras (Tt 2:14).

Em sexto lugar, *o meio da santificação processual*. Não são os usos e costumes os meios de Deus nos santificar. Nossa santificação é realizada, principalmente, pela palavra. Deus usa a Palavra na santificação. Jesus disse: *Santifica-os na verdade, a tua palavra é a verdade* (Jo 17:17). Fomos regenerados pela Palavra (1 Pe 1:23), e só crescemos para a salvação por meio desta palavra. Assim como crianças recém-nascidas precisam de leite, os cristãos precisam da Palavra (1 Pe 2:2-3). O “conhecimento e a firmeza na Palavra nos conduzem naturalmente à santidade. (...) Tudo o que precisamos a fim de que sejamos repreendidos, corrigidos, educados e habilitados está na Palavra de Deus. Tudo o que o crente precisa para se aperfeiçoar, ele encontra na Bíblia”.⁸⁹

Por isso a igreja deve ser a comunidade da Palavra (1 Tm 3:15) que faz exposição sistemática e contínua da Bíblia. Quanto mais os cristãos ouvem e seguem a Palavra, mais crescem em entendimento, abandonam pecados e caminham em direção ao caráter de Cristo: *Como pode o jovem manter pura a sua conduta? Vivendo de acordo com a tua palavra* (Sl 119:9). *Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra* (2 Tm 3:16-17).

Em sétimo lugar, *os níveis da santificação processual*. Nesta vida a santificação nunca se completará (Tg 3:2; 1 Jo 1:8). Todavia, “embora a santificação nunca se complete nesta vida, podemos enfatizar que ela nunca deve deixar de aumentar nesta vida”.⁹⁰ Pelos textos presentes no Novo Testamento sobre a santificação, os autores inspirados tinham expectativa que a santificação aumentasse na vida dos crentes ao longo da vida: *... segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito* (2 Co 3:18). Gradualmente nos tornamos cada vez mais parecidos com o Senhor Jesus e seguimos rumo ao alvo da nossa chamada (Fp 3:13-14). E, vista como um processo, a santificação é maior em algum do que em outros. Sempre existirão crentes mais maduros da caminhada e outros menos maduros.

Por fim, lembramos que não podemos jamais confundir santificação com justificação. Examinando a tabela seguinte, notamos algumas diferenças marcantes entre santificação e justificação.⁹¹

⁸⁹ Lima (2006:393).

⁹⁰ Grudem (1999:627).

⁹¹ Grudem (1999:622).

Posição legal	Condição interna
De uma vez por todas	Continua por toda a vida
Obra inteiramente de Deus	Nós cooperamos
Perfeita nesta vida	Imperfeita nesta vida
A mesma em todos os cristãos	Maior em alguns do que em outros

2.3.2 A perseverança

No meio acadêmico não é difícil ouvir o famoso chavão: “Uma vez salvo, sempre salvo”. É correto fazer tal afirmação? Um cristão pode ou não perder a salvação? É isso que o ensino bíblico sobre perseverança ou segurança dos santos, vai nos mostrar. Sobre essa questão, existem dois grupos de defensores: (1) os que ensinam que ela não pode ser perdida; (2) e os que ensinam que ela pode ser perdida. Mas, e a Bíblia, o que ela diz? Nela, aparentemente, há base para a defesa das duas posições. Um exame mais cuidadoso, todavia, mostrará que a segunda opção é a mais correta, conforme veremos no estudo sobre a perseverança.

Em primeiro lugar, vejamos a *definição de perseverança*. A doutrina da perseverança é a “irmã gêmea” da doutrina da santificação, pois quem anda em santidade de vida está perseverando na fé, e quem persevera na fé está se santificando. Não há como existir oposição, pois as duas (santificação e perseverança) fazem parte da “estrada da salvação”. Teologicamente, podemos definir a doutrina da perseverança dos santos como a doutrina que ensina que os cristãos são mantidos seguros por Deus sob a condição de uma fé perseverante em Cristo (pois é possível um cristão se apostatar). Tal doutrina ensina que todo cristão possui a garantia de saber que não há poder externo ou circunstância que pode separá-los do amor de Deus que eles desfrutam em união com Cristo.

Na carta de Judas os cristãos são chamados como aqueles que são amados por Deus Pai e “guardados por Jesus Cristo” (1:1). Além disso, Jesus é apresentado como aquele que é poderoso para nos impedir de tropeçar (v.24). É muito claro, por esta carta, a doutrina da segurança dos santos. O próprio Deus é quem guarda os cristãos. Por isso mesmo, é estranho aqueles que ensinam que um cristão pode perder a salvação por qualquer razão ou por qualquer pecado. Nesta mesma linha, lemos na carta do apóstolo Pedro:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança que jamais poderá perecer, macular-se ou perder o seu valor. Herança guardada nos céus para vocês que, mediante a fé, são protegidos pelo poder de Deus até chegar a salvação prestes a ser revelada no último tempo (1 Pe 1:3-5 – grifo nosso).

A salvação a ser revelada no último tempo diz respeito a consumação da salvação. Até chegar este momento, diz Pedro, somos “protegidos” pelo poder de Deus. A palavra que ele usa diz respeito a um tipo de escolta que é feita por Deus aos cristãos. Mediante a fé somos protegidos ou escoltados por Deus. Enquanto permanecemos na “fé” podemos ter a certeza da nossa salvação; o que não é verdade, apenas, no caso da apostasia.

Em segundo lugar, vejamos os *incentivos a perseverança*. Enquanto não chega o dia da consumação da nossa salvação, a Palavra de Deus é clara quando diz: *Por isso é preciso que prestemos maior atenção ao que temos ouvido, para que jamais nos*

desviemos (Hb 2:1 – NVI – grifo nosso). A palavra “desviemos”, utilizada pelo autor de Hebreus, era usada para descrever um rio que corria fora do curso, também indicava algo que fugia da memória da pessoa ou um anel que escapava do dedo. No texto em questão, tem o sentido de “achar-se no estado de desvio”.⁹² Se o cristão não atentar constantemente para as verdades do evangelho, pode achar-se nesse estado, que no contexto da carta aos Hebreus diz respeito a apostasia. Cristãos estavam querendo abandonar o cristianismo para voltar ao judaísmo. Por isso, o versículo seguinte questiona: *Como escaparemos nós se negligenciarmos tão grande salvação?* (v. 3).

Jesus, nesta mesma linha, alertou os seus discípulos quanto ao perigo de se apostatarem (Mt 24:3-14). Será que ele daria esse alerta se não houvesse a possibilidade de isso acontecer? Além do mais, em algumas ocasiões, Jesus enfatizou a necessidade de permanecer fiel até o fim (cf. Jo 8:31-32; Mt 10:22, 24:13; Ap 2:10). “Mas quem perseverar”, dizia Jesus. Por que usar essa expressão se é impossível que alguém que creia nele não persevere? Essa expressão é uma prova evidente de que é possível que alguém que creu não persevere. Jesus disse à igreja de Filadélfia: *conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa* (Ap 3:11). Esse é um claro alerta quanto à responsabilidade de perseverar. A coroa é símbolo da nossa salvação, do nosso prêmio final (2Tm 4:8; Ap 2:10). Esse símbolo foi tirado do atletismo, pois a coroa era o prêmio dado aos atletas que se sagravam campeões ao final das competições. Jesus o usa para se referir à nossa corrida cristã rumo ao prêmio celestial. Como lemos, essa coroa pode ser “tomada” de nós. Essa é uma clara advertência quanto a fracassar na corrida da fé.

Paulo também mostra que é preciso permanecer na fé: *agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis, se é que permaneceis na fé* (Cl 1:22-23 – grifo nosso). Segundo esse texto, aquele que foi reconciliado pode não permanecer na fé – “se é que permaneceis” - e se afastar da esperança do evangelho que ouviu – “não vos deixando afastar”.

Além de Paulo, no livro de Hebreus, existem dois alertas que não fazem sentido se o crente não puder realmente se apostatar (cf. 2:1; 3:12-14). A Bíblia insta aos crentes a continuar na fé: *Desejamos, porém, que continue cada um de vós mostrando, até ao fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança* (Hb 6:11). Esse encorajamento foi registrado na Bíblia porque, neste mesmo capítulo de Hebreus, existe um texto claro que diz ser possível se apostatar e, assim, perder a salvação: *É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo (...), e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento* (Hb 6:4-6).

A palavra “caíram” não se refere a um simples tropeço de um cristão fraco, mas à apostasia, ou seja, a uma “rejeição deliberada de Jesus Cristo”.⁹³ A apostasia é uma ruptura completa de relação com Jesus, não é resultado de uma decisão rápida, mas de um processo de endurecimento gradual dentro da mente que se cristalizou agora em uma atitude constante de hostilidade a Cristo. Além disso, João escreveu sobre um pecado para a morte, que é o mesmo pecado da apostasia:

Se alguém vir seu irmão cometer pecado que não leva à morte, ore, e Deus lhe dará vida. Refiro-me àqueles cujo pecado não leva à morte. Há pecado que leva à morte; não estou dizendo que se deva orar por este. Toda injustiça é pecado, mas há pecado que não leva à morte. Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não está no pecado; aquele que nasceu de Deus o protege, e o Maligno não o atinge (1 Jo 5:16-18).

⁹² Rienecker; Rogers (1995:495).

⁹³ Taylor e outros (2006:57).

A apostasia é um pecado para a morte. É a blasfêmia contra o Espírito já estudada em outro capítulo deste livro. Para o apóstata, é impossível ser renovado novamente para arrependimento, *pois para si mesmos estão crucificando de novo o Filho de Deus, sujeitando-o à desonra pública* (Hb 6:6 – NVI). Eles não choram mais pelo sangue derramado na cruz. Ignoram-no e agora o envergonham abertamente pela sua apostasia.

Não podemos esquecer que Hebreus não foi escrito para crentes simpatizantes, mas para cristãos regenerados. Cristãos regenerados também continuam correndo o risco de se apostatarem de maneira final e irrevogável⁹⁴: *se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo* (Hb 10:26-27).

O texto de Hebreus não nos diz se alguém chegou a esse ponto. Entretanto, o que fica muito claro é que se o terrível pecado da apostasia de pessoas salvas não fosse ao menos remotamente possível, todas essas admoestações não teriam sentido algum. **Cristãos devem perseverar:** *Corramos com perseverança a carreira especial que Deus pôs diante de nós* (Hb 12:1 – BV).

Em terceiro lugar, vejamos *um mal-entendido quanto a perseverança*. Dizer que nós precisamos perseverar não é defender a salvação por meio das obras. É preciso um pouco de cuidado nessa parte. Como aprendemos, quando estudamos sobre a justificação, a salvação é recebida gratuitamente pela fé. Depois disso, entramos no processo de santificação. Nesse processo, a necessidade de afastar-se do pecado e de se parecer cada vez mais com Cristo, apesar de ser uma exigência (afinal, *sem santificação ninguém verá o Senhor*), não deve ser encarada como uma imposição penosa, mas como uma resposta de gratidão e amor pela salvação recebida gratuitamente. Por amor, e só por amor, devemos perseverar até o fim.

Em quarto lugar, vejamos *equivocos quanto a perseverança*. Existem dois textos bíblicos que são utilizados para negar aquilo que temos colocado até este ponto desta obra, ou seja, que a salvação pode ser perdida na apostasia. Dois textos principais se destacam como os mais usados para defender essa doutrina: João 6:38-40 e 10:27-30.

João 6:38-40 diz: *a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia* (Jo 6:39). Essa afirmação foi feita por Jesus. Com base nela, alguns autores afirmam que os que foram dados pelo Pai ao Filho jamais se perderão. Dizem que todos os que verdadeiramente creram em Cristo permanecerão fiéis até o dia final. Mas, será que o texto está dizendo isso?

Começemos observemos atentamente a expressão: *a vontade de quem me enviou* (grifo nosso). Jesus está dizendo que a manutenção da salvação de todos aqueles que lhe foram dados é a vontade de Deus. Entenda bem, essa é a “vontade” de Deus. Isso não significa que será assim. Em 1 Timóteo 2:4 lemos que Deus, nosso Salvador: *deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade*. Veja, isso é um desejo, mas não significa que acontecerá. Todos os homens serão salvos? Todas as pessoas de todos os tempos conhecerão a verdade?

Muito bem, mas você ainda pode questionar: mas esta é a vontade de Deus para Jesus - *que nenhum eu perca de todos os que me deu* (grifo nosso). Sendo assim, se alguém se perder, isso não significaria que Jesus não estaria cumprindo a vontade do Pai? A resposta é não. O fato de alguns se perderem, mesmo sendo enviados por Deus, não

⁹⁴ Ibidem.

quer dizer que Jesus não está cumprindo a vontade do Pai. No que diz respeito a Jesus nesse processo, ele fará de tudo para que todos sejam salvos.

Mas, agora vejamos o que diz o versículo seguinte: *De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia* (Jo 6:40 – grifo nosso). Preste atenção nas palavras “vir” e “crer”, destacadas no texto. No texto original, os termos são *theōron* (ver) e *pisteúon* (crer). Esses dois verbos estão em um tempo grego chamado “particípio presente”, que indica uma ação continuada ou repetida.

Então, a ideia dos termos no versículo é: *a vontade de meu Pai é que todo homem que “continuar olhando” o Filho e “continuar crendo” nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia*. Nós recebemos a salvação pela graça e escolhemos continuar crendo ou não. Deus não quer que isso aconteça, e o Filho, através do Espírito, empenha-se para que não ocorra. Todavia, a Bíblia mostra que esta é uma possibilidade, caso o cristão opte pelo caminho da apostasia.

O outro texto usado para amparar a doutrina que afirma que “uma vez salvo, sempre salvo” é João 10:27-28, que diz: *As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão* (grifo nosso). Por causa dessa afirmação grifada, alguns entendem que esse texto está ensinando que uma pessoa que se rendeu a Cristo está eternamente segura, independente do que faz no que diz respeito ao seu relacionamento com Deus. Entretanto, o que o texto está apresentando é uma preciosa promessa de que “nada exterior ao homem pode destruí-lo, enquanto ele estiver depositando sua fé em Deus”.⁹⁵ Ou seja, ninguém pode arrebatar uma pessoa da mão de Deus, só ela mesma.

Por fim, finalizamos este tópico sobre a perseverança dos santos, lembrando algo já dito no capítulo sobre *Hamartiologia*. Quando um cristão peca ele não perde a salvação. A sua posição legal perante Deus permanece inalterada, pois foi justificado. Ele ainda assim é perdoado, pois já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus (Rm 8:1). Cristãos podem entristecer o Espírito de Deus (Ef 4:30); quando pecamos, lhe causamos pesar e ele se desgosta conosco. O autor de Hebreus nos lembra que o Senhor corrige a quem ama (Hb 12:6, citando Pv 3:11-12). Mesmo assim, eles continuam sendo filhos. Como temos insistido, apenas quando a linha da apostasia é cruzada que uma pessoa deixa de ser contada como um salvo.

Mas e os crentes que declinam na vida moral, que vivem de qualquer modo, que não tem nenhum compromisso com Deus e com seu reino? Estes não perdem a salvação? Pois bem, será que estas pessoas realmente são crentes em Jesus verdadeiros? Segundo o apóstolo João, aquele que nasceu de novo, não vive na prática habitual do pecado (1 Jo 3:6,9), apesar de cometer pecado (1 Jo 1:5-10). Ele também comenta sobre cristãos nominais (1 Jo 2:19). Jesus, da mesma forma, falou sobre a existência de “cristãos nominais” (Mt 7:21-23). Muitos são os que disseram “Senhor, Senhor”, isto é, que receberam a Cristo nominalmente e publicamente, mas que não se converteram genuinamente.

2.4 A conclusão da salvação

Paulo escreveu aos Filipenses: *Estou convencido de que aquele que começou boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus* (Fp 1:6). O apóstolo tinha convicção de que a obra que Deus começou em nós um dia terá um ponto final, ou uma conclusão. É desta etapa final da *ordo salutis* que trataremos neste tópico. É

⁹⁵ Earle; Mayfield (2006:100).

claro que os eventos mencionados a seguir serão estudados no último capítulo deste livro sobre *Escatologia*. Ainda assim, os mencionaremos para fecharmos tudo o que vem sendo construído neste capítulo sobre *Sotereologia*.

2.4.1 A glorificação

Pontuemos algumas questões sobre a glorificação. Em primeiro lugar, a *definição de glorificação*. A glorificação pode ser definida como o passo final da aplicação da redenção. O termo diz respeito a tudo o que está incluído na consumação da salvação com a volta de Cristo. Referindo-se a este dia futuro, Paulo declara que seremos glorificados com Cristo (Rm 8:17) e, além disso, quando citou alguns itens da aplicação da salvação na vida de uma pessoa, mencionou a glorificação no final do processo da salvação (Rm 8:30). A glorificação é o que Pedro mencionou quando escreveu sobre a salvação a ser revelada no último tempo (1 Pd 1:5).

Enquanto vive aqui neste mundo, o cristão deve desejar um maior e melhor aperfeiçoamento através da santificação, contudo, só atingirá seu ponto culminante quando Jesus voltar nas nuvens dos céus com poder e grande glória. Todos nós aguardamos esse dia. E com certeza ele chegará. Um dia ouviremos de Jesus: *Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo* (Mt 25:34). Afinal, foi o próprio Jesus quem prometeu: *Vou preparar-vos lugar. E se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também* (Jo 14:2-3). Quando ele se manifestar, também nós nos manifestaremos com Ele em glória (Cl 3:4). Como Cristo é, seremos (1Jo 3:2). Neste dia seremos completamente livres da presença do pecado.

Em segundo lugar, os *resultados da glorificação*. Quando chegar o tempo da glorificação, nós **receberemos um corpo glorioso**. Em seu retorno, Jesus *transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso* (Fp 3:21). Nessa ocasião, todos os que morreram em Cristo serão levantados e transformados juntamente com os cristãos que estiverem vivos. Em sua primeira carta aos coríntios, Paulo mostra a diferença entre o corpo atual e o ressurreto:⁹⁶

- O corpo atual é corruptível, sujeito ao pecado, a doenças e à morte; o corpo ressurreto será incorruptível e imortal, imune ao pecado, a doenças, à deterioração (15:42,53);
- O corpo atual é semeado em desonra; o corpo ressurreto será glorioso (15:42);
- O corpo atual é fraco; o corpo ressurreto será poderoso (15:43);
- O corpo atual é físico; o corpo ressurreto será espiritual (15:44).

O apóstolo João afirma que *ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Mas, devemos saber que, quando Cristo se manifestar, seremos semelhantes a ele* (1 Jo 3:2), no entanto, segue dizendo que *todo aquele que tem essa esperança deve purificar-se a si mesmo, como também Jesus é puro* (1 Jo 3:3). É importante ressaltar que esta semelhança com Cristo não é apenas física. Também seremos aperfeiçoados moralmente e apresentados inculpáveis e irrepreensíveis (Cl 1:22; Jd 24; Fp 1:9-11). Quando “glorificados, em tudo seremos como Deus queria que fôssemos”.⁹⁷

⁹⁶ Erickson (1997:432).

⁹⁷ Erickson (1997:432).

Além de um novo corpo, receberemos uma nova habitação. A glorificação proporcionará aos salvos **uma nova habitação**: Inicialmente, no céu, onde passaram mil anos (Ap 20:4-6); e depois, a eternidade em uma nova terra, onde estarão para sempre com o Senhor (Ap 21:1-3). A nossa glorificação resultará, ainda, em **uma nova comunhão** com Deus (Ap 21:3). A comunhão que teremos com Deus com a glorificação será perfeita, pois o veremos face a face (Ap 22:4).

A glorificação futura também trará plenitude de conhecimento. O conhecimento que temos agora, do Senhor, é imperfeito. Mas na glorificação nosso conhecimento aumentará porque veremos o Senhor (1 Co 13:12). Teremos um conhecimento perfeito e uma mente redimida para enxergar as coisas da perspectiva do Senhor. E por fim, a glorificação resultará **em plena libertação do pecado**. O pecado não mais existirá na vida dos salvos, nem no mundo dos salvos (Cl 1: 22; Jd 24; Rm 5:9-10).

A glória da qual o homem foi privado por causa do pecado (Rm 3:23) será dado a ele novamente por ocasião da consumação da salvação. Não será apenas uma glória relevada a nós, mas uma glória revelada “em nós” (Rm 8:18).⁹⁸ A esperança desta glória se dá porque Cristo está em nós (Cl 1:27) e nos justificou (Rm 5:2). Formaremos uma nova “sociedade, onde não haverá mais pecado. A morte foi vencida; a vida é eterna. Deus reina com o seu povo” (Ap 21:1-5).⁹⁹

Em terceiro lugar, *as recompensas na glorificação*. No capítulo sobre *Escatologia* trataremos melhor sobre esta questão, mas aqui mencionamos preliminarmente a doutrina do galardão. Por ocasião da glorificação, os crentes também serão galardoados. Existem inúmeros textos bíblicos que sustentam a doutrina do galardão (Mt 16:27; 1 Co 3:8, 14; Ef 6:8; Ap 2:23; 11:18; 22:12). O galardão está relacionado com as recompensas que os salvos receberão na glória porvir, de acordo com suas obras (2 Co 5:10). Apesar de a salvação ser única e exclusivamente pela graça (Ef 2:8), uma vez salvos, começamos a produzir na vida cristã e, um dia, seremos galardoados. Os cristãos (todos salvos pela graça) terão maior ou menor galardão de acordo com a sua dedicação e intensidade na obediência a Deus (Lc 19:17-26; Mt 5:19-20). Apesar de não saber que recompensa é esta, a Bíblia mostra que ela existirá (Ap 22:12; Cl 3:24). Somente na vinda de Cristo é que saberemos o tipo da obra de cada um e a recompensa que receberá (1 Co 3:12-14).

Aqui é importante esclarecer que a salvação é um presente, recebido pela fé, imerecidamente. O galardão é um reconhecimento. A salvação depende totalmente da fidelidade de Cristo na cruz, enquanto o galardão depende da nossa fidelidade a Cristo na vida. Quanto Paulo diz que os cristãos participarão de um julgamento (cf. Rm 14:10 e 2 Co 5:10) é possível que se trate do julgamento relacionado ao galardão. Ali haverá uma avaliação do que fizemos, e não fizemos, não no sentido quantitativo, mas qualitativo. Não estará em jogo a nossa salvação, mas as nossas obras. Haverá ganhos e perdas de recompensa, não de salvação.

Conclusão

O homem pecou e precisava ser salvo. Por si mesmo nunca conseguiria restauração. Mas Deus, por seu grande amor, e por iniciativa própria, escolheu salvá-lo por sua graça. Na eternidade, baseado em sua presciência, elegeu os que aceitariam sua oferta de salvação. Eles foram chamados, convencidos pelo Espírito Santo, converteram-se, foram regenerados, justificados, adotados, santificados e chamados para serem santos e estão perseverando neste caminho rumo à

⁹⁸ Severa (2014:238).

⁹⁹ Severa (2014:238).

glorificação. Nesta vida sofremos por nos sentirmos incompletos, porém temos uma grande certeza de que a trombeta soará e Jesus aparecerá nas nuvens do céu, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e seremos transformados em sua glória.

REFERÊNCIAS (***) PRECISA SER ATUALIZADA)

BRIDGES, Jerry. *Graça que transforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

BROWN, Colin (Editor geral). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 1981.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. Vol. 4. São Paulo: Hagnos, 2002.

DEPARTAMENTO de Educação Cristã (DEC-IAP). *Santificação Pessoal*. São Paulo: GEVC, jan/mar de 2009, nº 286.

DUFFIELD, Guy P. & CLEAVE, Nathaniel M. Van. *Fundamentos da Teologia Pentecostal*. Vol. II. São Paulo: Ed. Quadrangular, 1991.

EARLE, Ralph; MAYFIELD, Joseph H. *Comentário Bíblico Beacon*. Vol. 7. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

ESSER, Hans-Helmut. *Graça*. (In) BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Orgs.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2ª ed. P. 907-915. São Paulo: Vida Nova, 2000.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GRAHAM, Billy. *O Poder do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

GREEN, Michael. *II Pedro e Judas, Introdução e Comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

GREEN, Joel B. *Graça*. (In) ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. (Ed.). *Novo Dicionário de Teologia Bíblica*. P. 809-812. São Paulo: Vida, 2009.

GRUDEM, Wayne A. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: João*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

_____. *Mais que vencedores*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

HORTON, Stanley M. *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 1993.

HOWARD, R. E. (et alii). *Comentário Bíblico Beacon*. Vol. 9. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Epístolas de Pedro e Judas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

LINDEN, Gerson Luis. *Graça*. (In) FILHO, Fernando Bortolletto (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

PACKER, J. I. *Na dinâmica do Espírito*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

RICHARDS, Lawrence O. *Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

STRONG, Augustus H. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Teológica, 2002.

SWINDOLL, Charles R. *O Despertar da Graça*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

TAYLOR, Richard S. e outros. *Comentário Bíblico Beacon*. Vol. 10. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

UNGER, Merrill Frederick. *Manual Bíblico Unger*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento 1*. Santo André, SP: Geográfica, 2006.

_____. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento 2*. Santo André, SP: Geográfica, 2006.

WILEY, H. Orton; CULBERTSON, Paul T. *Introdução à Teologia Cristã*. 2ª ed. Campinas, SP: Casa Nazarena de Publicações, 2009.

WILKINSON, Bruce. *Santidade Pessoal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2002.

BIRD, Michael F. *Evangelical Theology: A Biblical and Systematic Introduction*. Grand Rapids: Zondervan, 2013.

CARSON, Donald A. *O Deus amordaçado: o Cristianismo confronta o pluralismo*. São Paulo: Shedd Publicações, 2013.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

GOLDINGAY, John. *Teologia bíblica: o Deus das escrituras cristãs*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

GOLDSWORTHY, Graeme. *Introdução à teologia bíblica: o desenvolvimento do evangelho em toda a Escritura*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L., Jr.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KELLER, Timothy. *A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

THISLETON, Anthony C. *Systematic Theology*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 2015.

WEBSTER, John; TANNER, Kathryn; TORRANCE, Iain (Eds.). *The Oxford Handbook of Systematic Theology*. Oxford: Oxford University Press, 2007.